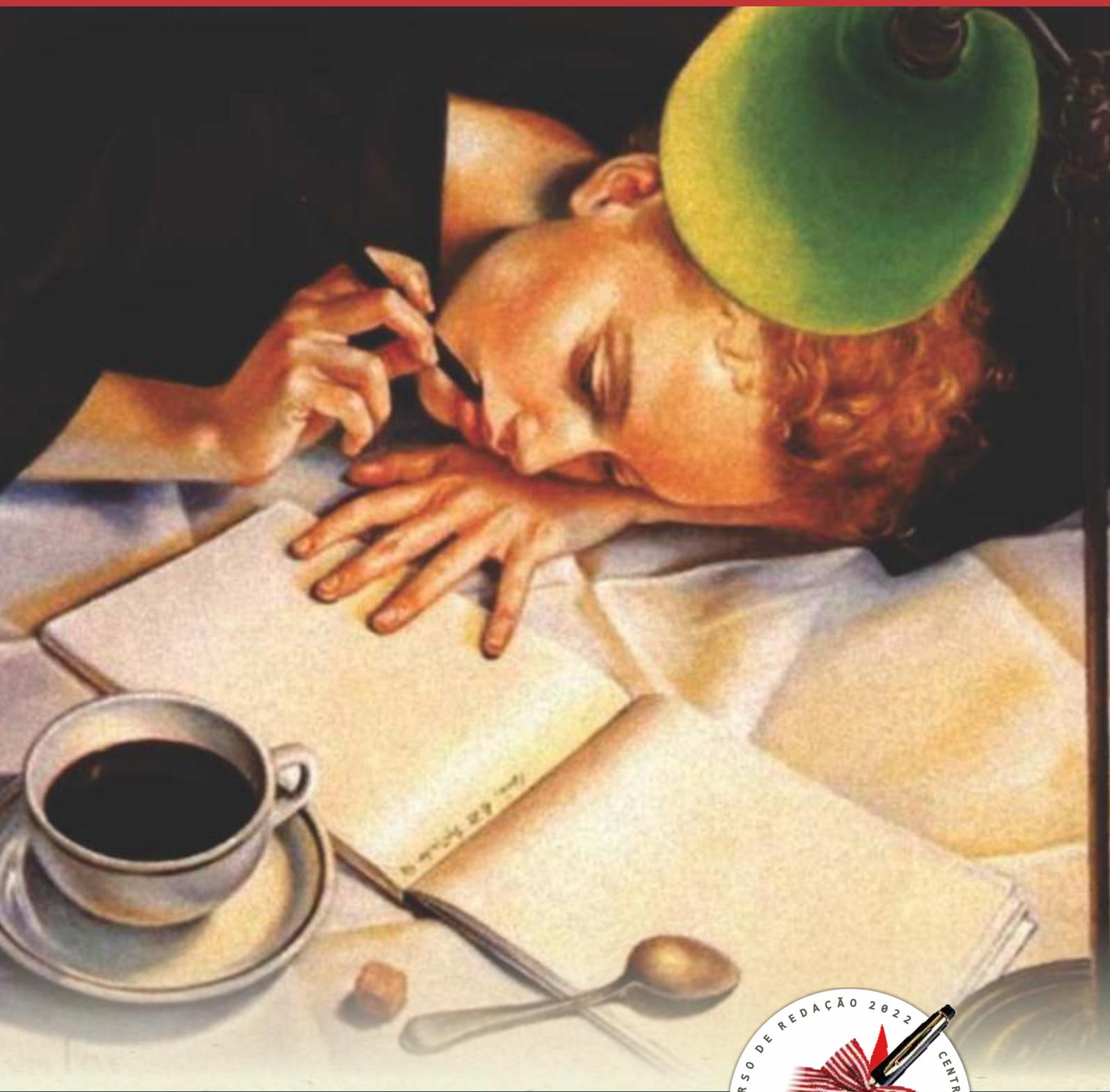


CONCURSO DE REDAÇÃO

Revista-Coletânea

Vitória, ES, 09 novembro de 2022



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

Concurso de Redação

Concurso de Redação

Concurso de Redação



escrever
é
dar vida
ao papel
é por a cometa a falar
palavras magnificas e mágicas

Um cidadão crítico, reflexivo, empático, capaz de entender o seu entorno e consciente do seu papel na sociedade sofre determinante influência da sua formação e instrumentalização como leitor e escritor. O sujeito pensante é fruto daquilo que ele experimentou, seja no campo físico das suas vivências, seja no infinito campo literário.

Um texto de qualidade não surge de meras técnicas de escrita repetidas à exaustão, como receitas culinárias. A qualidade de um texto tem correlação direta com a inquietação humana, com a capacidade de construir e reconstruir saberes, mesclar o real com a ficção, transcender o físico e se deixar levar pela imaginação.

Com o deslocamento da centralidade do processo educativo para o aluno, em detrimento do professor, o desenvolvimento das competências e das habilidades do cidadão desejável inexoravelmente passa pela formação do leitor, repercutindo na sua capacidade de se expressar, seja no campo verbal, seja no campo escrito.

Com muita satisfação, compartilhamos com a Comunidade Davinciana alguns textos criados por nossos alunos, os quais se destacaram no Concurso de Redação de 2022.

Mais do que uma premiação, o Concurso de Redação é um estímulo à formação de cidadãos pensantes.

A Equipe do Centro Educacional Leonardo da Vinci

O Concurso de Redação do Centro Educacional Leonardo da Vinci vem se consolidando como uma excelente oportunidade para que os alunos tenham uma relação diferenciada com a escrita. O Concurso, que acontece anualmente desde 2011, proporciona um espaço de criatividade e aprendizagem, em que a fantasia, a pesquisa e o trabalho com a linguagem constituem uma janela para um universo de possibilidades.

Todos os 21 alunos que compõem esta seleção estão de parabéns! Não só eles, como também todos os outros que participaram e se empenharam, pois nós, do Da Vinci, não estamos focados apenas no resultado, mas ficamos extremamente satisfeitos com o processo em si, que é muito valioso para todos que o atravessam.

Neste ano de 2022, a equipe dos professores de Língua Portuguesa elaborou, em diálogo com o currículo de cada série, propostas desafiadoras, que despertaram a verve criativa dos nossos alunos.

No caso dos sextos anos, eles foram convidados a escrever uma releitura de contos folclóricos e populares, ocasião em que puderam colocar em prática os conceitos ligados ao processo de retextualização e intertextualidade.

Os sétimos anos leram a obra Frankenstein, escrita por Mary Shelley e adaptada por Ruy Castro. Inspirados nesse livro, puderam criar uma narrativa com traços de terror e suspense.

Em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna, os oitavos anos escreveram uma narrativa ficcional, tendo como mote os eventos que colocaram a sociedade brasileira alinhada às vanguardas europeias do início do século XX.

Numa perspectiva dialógica muito enriquecedora, os estudantes dos nonos anos escolheram uma pintura modernista a partir da qual criaram um conto. Assim, artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Portinari e Tarsila do Amaral serviram como inspiração para as redações.

O tema do Ensino Médio foi a elaboração de um ensaio crítico a partir dos debates suscitados por diversas produções audiovisuais. Dado um cardápio de opções, os alunos puderam escolher o tema que mais os atraísse, a exemplo dos problemas das minorias, dos preconceitos de diversa natureza, dos dilemas impostos à sociedade pela mecânica de funcionamento das redes sociais, dentre outros.

O resultado desse trabalho está nas páginas que seguem. Convidamos os leitores a se deliciarem com a imaginação e criatividade dos nossos alunos do Fundamental II e, também, com a veia crítica dos estudantes do Ensino Médio.

Nossas mais sinceras congratulações a todos os autores. Que esta conquista seja mais um passo em direção a uma relação duradoura e prazerosa com a linguagem e o universo de possibilidades que ela descortina.

Luiz Henrique Menezes
Coordenador de Língua Portuguesa do C. E. Leonardo da Vinci

NÍVEL I

A MADRASTA NEM TÃO MÁ (Aline Borchio Simmer).....	08
JAQ E A PRINCESA (Isabella Debortoli Scárdua).....	10
A FORÇA DO DESTINO (Maria Eduarda Leal Pinheiro).....	12

NÍVEL II

A RACHADURA (Ricardo Pittella Alves).....	15
A ÚLTIMA VISÃO DE CLARISSA (Marina da Rosa Broetto).....	17
A CASA (João Vitor Giuberti Coradini).....	19

NÍVEL III

UM DIA DEPOIS DO “NOSSO” DIA (Sarah Gueiros Bitran).....	22
VIAGEM AO CENTRO DA ARTE MODERNA (Pedro Mello Guimarães).....	24
UNIDOS PELO MODERNISMO! (Lucas de Castro Botelho).....	26

NÍVEL IV

VIDA VIDA, “VASTA” VIDA (Laís Coutinho Passamani).....	29
O LAVRADOR DE CAFÉ (Laura Borchio Simmer).....	30
FÊNIX DO CARNAVAL (Isadora Quintela Torres Folador).....	32

NÍVEL V

ANNE SHIRLEY-CUTHBERT - Um século à frente de seu tempo (Mirela Schneider Bianqui)...	34
“ANNE WITH AN E”: A teimosia nunca foi tão necessária (Livia Cavalcanti Oliveira).....	36
O NOVO PETRÓLEO (Enzo Rafael Gonçalves Premoli).....	38

NÍVEL VI

O DILEMA DAS REDES: O INIMIGO DE DUAS FACES (Luísa Franzotti Togneri dos Santos)....	40
À FRENTE DO TEMPO (Sofia Fardin Barbieri).....	42
AS FACES DA ALIENAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE (Lucca Vecci Alcuri).....	44

NÍVEL VII

INÚMERAS VERSÕES PARA UM CASO SEM TESTEMUNHAS (Catarina Barros Bastos Santos)..	47
ESSA HISTÓRIA NÃO É SÓ SOBRE FUTEBOL (Luíza Souza Rubim).....	50
A INFLUÊNCIA DAS REDES (Cauã Oliveira de Carvalho).....	53



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

www.davincivix.com.br | recepcao@davincivix.com.br | [f/davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davincivix](https://www.instagram.com/davincivix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-070 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300

Diretor
Mario Broetto

Edição/Diagramação/Impressão
Setor de Eventos e Edição & Gráfica Da Vinci
Tiragem: 180 exemplares



Isabella Debortoli Scárdua

Aline Borchio Simmer

Maria Eduarda Leal Pinheiro



A MADRASTA NEM TÃO MÁ

Eu tinha duas filhas e me casei com um homem rico. Todos diziam que havia me casado por sua riqueza mas a verdade é que eu o amava.

Ele tinha uma filha que se chamava Cinderela. Ela fingia ser boazinha, mas a verdade é que ela era muito metida. Minhas filhas me contaram que ela ficava exibindo o seu dinheiro. Então falei com o meu marido. Ele disse que deveria tomar decisões severas se ela se exibisse de novo.

Meu marido foi para uma viagem e, infelizmente, morreu no caminho.

Quando descobriu, a garota chorou muito, então tentei consolá-la. Ela não me deixou me aproximar e começou a brigar comigo. Meu marido havia me dito que, se ela fosse malcriada, era para castigar a menina. Pensei em lhe dar uma punição, mas desisti, pois poderia piorar a sua situação de tristeza.

Ela me mandou sair do seu quarto, então obedeci e esperei vinte, trinta dias para ela parar de me maltratar. Porém ela não parou de ser grosseira, então resolvi usar os conselhos de seu pai.

Todo dia, após às quatro da tarde, ela ia para o porão. Mas isso só durou três dias.

Achei que havia resolvido, mas não, ela só piorou. Então resolvi mandá-la lavar a louça, também não funcionou. Até que pensei que ela poderia limpar a casa. Mas adivinha, não deu em nada. Eu já estava ficando sem paciência.

Um dia recebi uma carta real para Cinderela e minhas filhas, que convidava todas as meninas do reino para o baile feito pelo príncipe, que haveria de escolher uma das belas garotas.

Quando a menina recebeu, quis ir, então pensei que poderia ser um bom castigo não deixá-la. Porém, a verdade era que ela não queria ir neste baile, só queria me provocar para eu não deixar e ela sair como a coitadinha.

Como percebi, permiti sua ida para a festa. Então, me surpreendi, pois ela começou a gritar dizendo que eu só a deixei ir pois queria dar de uma madrasta legal para pegar seu dinheiro.



Fiquei morrendo de vergonha, pois as minhas criadas estavam me olhando com um jeito acusador.

Fui para o meu quarto pisando forte, e sentindo as lágrimas vindo. Mas sabia que eu não podia chorar, pois se aquela menina que me tirava do sério visse, ela saberia o meu ponto fraco. Então pisquei o olho e segui em frente para o outro cômodo.

Quando cheguei ao quarto, me joguei na cama e fiquei pensando o que fazer para a menina mudar seu caráter. Então tive uma ideia. Contratei uma profissional para dar um vestido azul, uma carruagem e um sapato e deveria fingir que era a fada madrinha de Cinderela e fazê-la se convencer de que eu era uma boa pessoa, dizendo que ela só estava em choque pela morte de seu pai e não percebia que eu só queria ajudá-la.

Vocês podem até estar pensando que eu fui um pouco má, mas eu precisava fazer isso, pois não aguentava mais viver com ela me tratando daquele jeito.

A mulher ficou reclamando do preço que havia lhe pagado, pois de acordo com ela não daria para mimá-la sem comprar roupas bonitas e caras. Na hora, percebi que ela queria passar a perna em mim para ganhar mais, então cortei o mal pela raiz e, mesmo não tendo comprado nada, falei que tinha.

No dia do baile, ela achava que tinha me irritado e fez a mesma birra de que não queria ir por isso, aquilo. Eu, por dentro explodindo, consegui manter a calma e responder com tranquilidade que a escolha era dela.

À noite, como de acordo, a contratada foi de fada madrinha e, quando voltou, disse que a menina tinha acreditado e ido para o baile. Mas a mentirosa contou para a garota que eu tinha a contratado para ela gostar de mim e eu pegar a sua herança.

Era meia-noite, eu estava dormindo e acordei com um som de uma sirene de polícia. Até que minha porta foi arrombada. Tive que ir para a delegacia e fui presa.

E assim que virei a madrasta má e a Cinderela virou a coitadinha, boazinha e princesa.





JAQ E A PRINCESA

Essa história não vai começar com “Era uma vez” ou “Em um lindo dia”, porque a coisa aqui é séria! Vou contar a minha história. Eu sou um rato chamado Jaq e moro em um castelo gigante de um rei muito rico. Mas minha história não começou assim. O rei e a rainha tiveram uma filha, chamada Maria. A rainha morreu, e o rei então se casou com outra mulher, que tinha duas filhas super mimadas.

Enquanto o rei está ocupado, a “rainha” bota a princesa para trabalhar, mas Maria não fala para o seu pai, com medo de sua madrasta brigar e ele não acreditar. Então ela trabalha todo santo dia, lava o chão, os banheiros e os quartos, se bobear ela trabalha mais que as próprias empregadas.

Todo dia quando o rei chega, ela tem que botar uma roupa limpa e ficar no seu quarto, como se estivesse lá o dia inteiro. Sempre que acaba o serviço, ela fica conversando comigo, falando que a sua madrasta, que se fingia de boa pra ela, não para de torturá-la.

Suas “irmãs” e sua madrasta a apelidaram de Maria Borracheira, pois sempre que ela ia na fonte buscar água e ao mato buscar lenha, ela voltava muito suja de borralho. Eu e todos os meus amigos animais sempre dizemos a ela que sua madrasta não pode maltratá-la tanto assim, mas, como eu disse, ela tem medo de seu pai não acreditar e a “rainha” brigar com ela.

Hoje em nossa cidade, foi colado um cartaz dizendo que todas as damas estão convidadas para um baile que acontecerá no final de semana. As irmãs chegaram super ansiosas falando para a mãe delas. Maria ouviu e perguntou a sua madrasta se poderia participar. Ela permitiu, mas havia uma condição: ela teria de limpar a casa inteirinha no dia do baile. Se desse tempo de terminar tudo, ela iria, se não, ela ficaria em casa.

Maria veio contar para mim e meus amigos, só que ela havia esquecido que não tinha um vestido, se chateou e desistiu de ir ao baile, pois com certeza seu pai daria um vestido a ela, mas sua madrasta iria ficar muito brava, e suas irmãs, com muita inveja.

Chegou o dia do baile. As irmãs passaram o dia inteiro se arrumando, eu e meu irmão ficamos indo e voltando lá pra falar com Maria como elas estavam ficando. Assim que elas acabaram de se arrumar, a princesa acabou de limpar a casa e, quando viu suas “irmãs” com lindos vestidos e cheias de enfeites, se entristeceu, pois não iria ao baile sem um vestido bonito.

Maria foi ao celeiro para ficar um pouco sozinha, mas é claro que eu e meus amigos animais não iríamos deixá-la assim nesse momento tão triste pra ela. Fomos lá para o celeiro, e não me pergunte por que, mas do nada apareceu uma fada com um vestido azul e uma varinha na mão, ela parecia ser bem velha.

A fada perguntou a Maria o que havia acontecido, ela contou tudo, tim-tim por tim-tim. Depois de a fada ter entendido a história, eu comecei a sentir meu corpo estranho, como se eu estivesse crescendo e aumentando... Eu só olhei para o lado e vi que meu irmão havia sido transformado em um cavalo, Bruno em um lacaio, Major em um cocheiro, uma abóbora em carruagem e um vestido rasgado em um lindo vestido azul com sapatos de cristais. E o pior vem agora, meu irmão me disse que eu fui transformado em um cavalo, eu quase desmaiei depois dessa.

A fada madrinha disse à princesa que seu apelido seria Cinderela, para suas irmãs não saberem que era ela quem estava lá! A fada disse que ela havia de estar no castelo antes da meia-noite, porque senão o encanto iria se desfazer e ela não conseguiria voltar para o castelo.

A princesa subiu na carruagem e eu percebi que meu irmão começou a correr, eu não pensei em nada e comecei a correr junto com ele, imagina se tivesse um monstro atrás da gente? Eu que não ia ficar ali parado, né? Quando meu irmão parou, eu parei, e vi que estávamos na frente de um castelo gigantesco, todo iluminado parecendo uma árvore de natal.

Depois de muito tempo esperando, eu ouvi um sino tocar, era o sinal avisando que estava perto de dar meia-noite! Cinderela veio correndo, e o príncipe foi atrás dela perguntando seu nome, mas não deu tempo de ela falar, senão o encanto iria se desfazer! Eu vi que meu irmão começou a correr de novo, então eu comecei a correr também, vai que o “monstro” voltou para me pegar! Assim que chegamos no castelo, o encanto se desfez, e eu e todos os animais adormecemos.

Cinderela acordou com a campainha tocando, sua madrasta foi atender. Era o príncipe dizendo que a princesa que dançou com ele na noite passada, havia perdido o sapato, então queria provar em todas as meninas do reino para saber quem era a sua amada. As irmãs vieram correndo, pegaram uma cadeira e sentaram lá para experimentarem. Não coube no pé de nenhuma das duas, até que a princesa apareceu e o príncipe queria que ela provasse o sapato também. Sua madrasta não queria que ela provasse, mas foram ordens do príncipe. O sapatinho coube! Cinderela ficou muito feliz pois poderia ficar com seu amado.

Dias se passaram e ela foi morar no castelo com ele. Sorte que ela me levou e levou meus amigos também, não iríamos aguentar ficar com esse madrasta má na mesma casa da gente sem a nossa princesa.

Moramos lá agora, e todos os nossos dias são muito mais felizes, pois agora Maria não sofre mais com as ordens daquela mulher, agora ela é uma linda princesa, e continua muito prestativa com a gente!

Fim





A FORÇA DO DESTINO

Tenho certeza de que quase todos conhecem o clássico “a Bela e a Fera”, mas poucos conhecem a história de tão perto, como eu. Me chamo Anastácia e sou uma das irmãs de Bela, a do meio. Sabemos que essa posição não é a mais agradável ou marcante. Mas chega de falar sobre mim, vamos ao que interessa: a história de minha irmã. Bela? Não! A mais velha, Clarice.

Tudo começou bem antes da famosa história, quando éramos jovens. Clarice tinha 16 anos, eu 14 e Bela, 13. Nessa época morávamos na cidade. Nosso pai teve que fazer uma viagem a trabalho e, dessa vez, resolveu nos levar também. No meio da viagem, tivemos que parar por um momento para ele ajeitar a charrete. Aproveitamos e descansamos da viagem. Enquanto eu e Bela coletávamos flores para um buquê, Clarice explorava o local, até que ela deu de cara com o príncipe, que estava a cavalo. Apesar de não saber que ele era da realeza, ela se encantou com ele, e vice-versa. Eles então, começaram a conversar.

A conversa foi se aprofundando, mas como tudo que é bom dura pouco, ela teve que voltar para a charrete. A viagem inteira, ouvimos Clarice falar sobre ele.

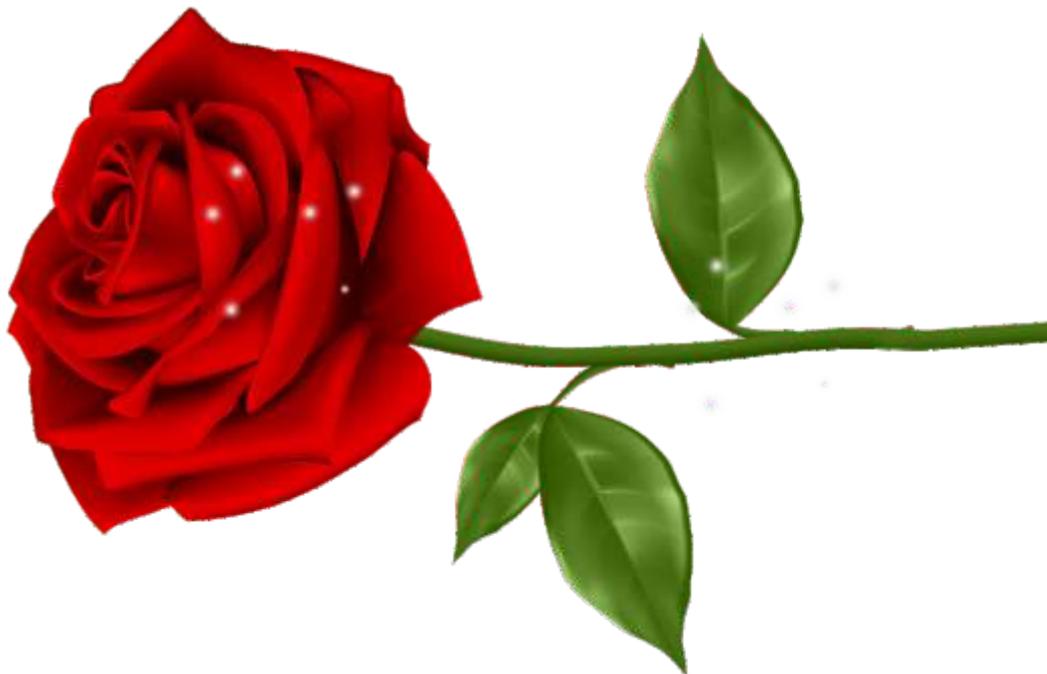
Anos depois, a menina, que já era mulher, tinha 20 anos e morava no campo com sua família. Nosso pai, que estava pobre na época, foi viajar novamente por causa de seu trabalho. Ele falou para nós:

— Se tudo der certo, posso dar um presente para cada uma. O que vocês querem?

— Eu vou querer um piano! Sempre quis tocar um... — disse Clarice.

— Vou querer um lindo vestido de seda! — eu disse.

— Eu não preciso de nada. Apenas que você tenha muita sorte e que me abençoe. — disse Bela.



Nosso pai insistiu em dar um presente para ela, então ela desejou a rosa mais bonita que ele encontrasse. Ele se despediu e, quando voltou, Bela foi correndo em sua direção. Ele lhe entregou a rosa e explicou que ele tinha encontrado um monstro horrendo que vivia num palácio e que esse monstro falou para trazer a primeira criatura que ele visse quando chegasse em casa. Então ela foi para lá. O que nem Bela, nem ninguém sabia, era que essa fera era o príncipe Adam, e ele estava amaldiçoado. Clarice desconfiou, pois papai mencionou que a Fera “vivia num palácio”, próximo à região da viagem anterior, que ela nunca esquecerá.

Um tempo se passou e ela casou-se forçadamente com um homem do campo, mesmo sem realmente gostar dele. Bela, quando chegou ao casamento, resolveu contar tudo o que havia acontecido e que estava apaixonada pela fera. Surpresa, Clarice reconheceu que essa tal “fera” era o príncipe, mas resolveu permanecer calada, mesmo que enciumada.

Apesar de não poder falar muita coisa, ela podia fazer alguma coisa para impedir que Bela se casasse com Adam. A garota mencionou que ela estava com um anel no dedo para não se esquecer dele, então Clarice lhe convidou para roubar e esconder o anel de nossa irmã. Obviamente eu não concordei. Ainda assim ela o fez. Depois de roubar, percebeu que o que ela fez era errado, e que, na verdade, só queria ver sua irmã mais nova feliz, então devolveu o anel para a menina. Na volta do casamento, Bela o encontrou desfalecido e resolveu beijá-lo, pois o estimava muito. Quando o beijou, a Fera de repente voltou a sua “forma” original e pediu a garota em casamento. E Clarice, vendo a irmã feliz, entendeu que nem sempre as coisas acontecem como queremos, mas acontecem como têm que acontecer.





Ricardo Pittella Alves

Marina da Rosa Broetto

João Vítor Giuberti Coradini

A RACHADURA



Brasil, Rio de Janeiro, capital, Bairro de Fátima, rua Walter, número 57, o hospital em que eu nasci...

Acho que eu não me apresentei ainda, o meu nome é Jack. Eu tenho 48 anos. Hoje, vou contar a vocês a história da minha vida.

Era uma sexta-feira treze, duas da manhã. Esse foi o dia do meu parto, chovia muito e fazia frio. Os médicos que vinham acompanhando o meu desenvolvimento dentro da barriga da minha mãe foram os mesmos que me tiraram dela. Todos eles me rodearam ao nascer. Pareciam assustados como se algo estivesse errado, e para minha mísera sorte, estava...

Minha mãe não havia sobrevivido ao parto. Ela estava sozinha no mundo, não tinha um namorado e nem familiares próximos ou distantes. Com sua morte, eu fiquei sozinho na vida. Além disso, eu tinha um tumor raro no cérebro, que poderia ser fatal para mim. Os doutores realizaram uma cirurgia em mim para retirá-lo e, por sorte, deu tudo certo. Porém, com a operação, ganhei uma cicatriz, que ficaria comigo pelo resto da minha vida, me causando tremendo constrangimento e infelicidade. Ela era perceptível para todos a minha volta, uma rachadura que cortava meu rosto. Em seguida, fui levado para um orfanato. Lá, descobri a crueldade da sociedade. As crianças a minha volta nunca me deixaram esquecer da minha aparência assustadora, principalmente um menino chamado Jeremias e seus amigos. Eles se dirigiam a mim constantemente com insultos e deboches. Até pessoas que queriam me ajudar me tratavam diferente, me viam como alguém diferente deles, mesmo sendo mais parecido do que eles imaginavam.

Sem nada para fazer, eu passeava pelos arredores da casa. Acabei conhecendo uma senhora que era uma das funcionárias do orfanato. O nome dela era Roseline. Ela tinha 49 anos na época. Todo dia depois de voltar da escola, que ficava ao lado do abrigo, eu ia me encontrar com ela, geralmente perto dos brinquedos no quintal. Rapidamente criamos laços e viramos muito amigos. Nós ríamos enquanto conversávamos por horas antes da hora de eu dormir. De vez em quando, ela me ensinava como fazer trabalhos simples de casa, como arrumar a cama, dobrar roupas, lavar a louça. Ela também me ajudava com minhas atividades de casa, me explicando partes da matéria que eu não entendia.

Um dia recebi a triste notícia que seria realocado para outro orfanato, que ficava longe do meu antigo: eu perderia a única amiga que já fiz. Isso aconteceria porque o orfanato estava muito cheio, muitas crianças seriam realocadas ou iriam para um lar temporário, uma situação instável. Fiquei muito abalado, quando fiquei sabendo. Logo fui falar com Roseline e foi aí que eu recebi uma notícia inesperada. Ela me disse que já havia planejado isso há um bom tempo: decidiu me adotar. Nesse momento, eu não tinha palavras pra explicar minha felicidade, me senti no paraíso. Recebi o que eu mais queria, alguém para cuidar de mim, para eu chamar de família, amar.

Nas primeiras semanas na casa dela estava tudo muito bem e eu estava muito feliz, porém depois de um tempo comecei a sentir um cheiro estranho, de algo podre, que vinha do porão, que, por alguma razão, ficava trancado. No começo tentei ignorar o cheiro, só que não o suportei. Então, um dia, quando minha mãe estava no trabalho, procurei a chave do quarto e a encontrei e, assim que eu entrei lá, um alarme tocou. Fiquei desesperado e logo entrei pra ver o que havia lá dentro e o que me esperava não era algo bom...

Encontrei um cadáver, documentações, folhetos, papéis. Comecei a interpretar tudo e acabei entendendo. O nome verdadeiro dela era Sarah, e na verdade ela tinha 56 anos. Ela era uma criminosa que estava sendo procurado pela polícia. Sarah não me adotou para me criar como um filho. Ela já havia feito isso várias vezes, adotado uma criança para, depois, matá-la. Depois de tudo isso, fugi, antes que eu fosse uma das vítimas dela. Procurei um lugar para me abrigar. Ainda lamento o fato de a única pessoa que eu amei e com a qual tive uma conexão ser a pessoa que mais desejou o meu mal.





A ÚLTIMA VISÃO DE CLARISSA

Era uma tarde de inverno na Austrália, lá o clima estava frio, bem frio. Clarissa, uma jovem destemida e muito inteligente, estava de mudança para uma cidadezinha no sul do país. Como se tratava de uma cidade que eles não conheciam, não imaginavam que o local era repleto de mistérios e desaparecimentos.

Alguns dias após a mudança, havia a previsão de uma tempestade. Então a mãe de Clarissa resolveu ir ao supermercado para garantir a compra e estocagem da comida. Clarissa estava em seu quarto quando ouviu um grito. Ela abriu uma fresta da cortina e se deparou com um homem no quintal da casa dela, olhando para ela, todo ensanguentado e com as vestes rasgadas. Clarissa desceu as escadas correndo, quase voando, para avisar seu irmão que estava na sala.

— U-u- um homem! — gritou ela, desesperada.

Seu irmão Leonard, desinteressado, disse:

— O que de tão especial tem nesse homem?

— Ei-le ma-ma... — Clarissa tentou dizer, porém foi interrompida pela campainha que tocou. Assim que Leonard abriu a porta, Clarissa congelou. Era ele! O homem visto pela janela! Porém com as roupas limpas e novas.

— Oi, eu sou o morador daqui do lado, Jacob. Eu estava passando para conhecer os novos vizinhos — o homem falou.

Clarissa, sem um pingão de educação, fechou a porta na cara de Jacob. Seu irmão a questionou o porquê ela teria feito isso, mas Clarissa apenas deu as costas.

No dia seguinte, Clarissa foi conhecer a vizinhança. Ela passou em frente a uma casa abandonada e entrou para descobrir o que tinha dentro. A garota encontrou uma pilha de jornais velhos em cima de uma mesa, dizendo sobre diversos desaparecimentos de



mulheres. Nesse instante ela ouviu a porta bater, ela se escondeu rapidamente debaixo do móvel. Clarissa inclinou a cabeça um pouco para baixo e viu um homem de costas colocando álcool dentro de um barril de metal. Quando ele se virou, era Jacob! jogando os jornais dentro do recipiente e botando fogo. Após Jacob ir embora, ela foi direto para casa, se preparar para a tempestade que estava para chegar no dia seguinte. A menina nem ligou muito para o que havia acontecido, pensou que a casa era apenas propriedade dele.

Clarissa acordou com uma voz estranha vindo da sala. Ela desceu as escadas bem devagar e viu sua mãe e Jacob tomando café da manhã. Uma raiva e medo a consumiu, ele estava cada vez mais perto de sua família. Clarissa então decidiu descobrir o que ele tramara.

Quando deram onze horas da noite, Clarissa pulou pela janela e invadiu a casa de Jacob. Ela desceu no porão e se aterrorizou, lá havia os corpos das mulheres que haviam desaparecido e vários sacos de dinheiro. Nesse momento a menina sentiu algo gelado em seus pés. Era água! A tempestade havia começado e a chuva já castigava, inundando o porão inteiro. Clarissa percebeu que sua mãe poderia estar em perigo, já que Jacob estava muito próxima dela. A jovem correu o mais rápido que pôde de volta para casa para “salvar” sua mãe. Porém, quando ela chegou, encontrou tudo em perfeito estado. Clarissa perguntou o que tinha acontecido e Leonard disse que sua mãe havia viajado para visitar sua avó, mas a garota desconfiou da versão do seu irmão.

Clarissa chamou a polícia e tentou convencê-la de que tudo que contou era verdade, mas os policiais disseram que nunca existiu sequer algum Jacob morando lá. Clarissa nunca acreditou nessa afirmação dos policiais, mas até hoje ela se pergunta se tudo o que ela vivenciou foi ficção ou realidade.





A CASA

Há alguns anos atrás (nas férias de verão de 1956), um jovem com 14 anos, chamado Pedro, estava partindo para sua fazenda no interior do estado do Espírito Santo, com seus amigos Francisco, João, Maria e Lúcia. A fazenda de Pedro possuía diversas atividades, como canoagem, piscina e trilha, porém paralelamente à trilha, havia uma área de pasto com uma grande colina. Neste lugar, havia um casarão baldio e deserto há muitos anos. Alguns anciãos da cidade contavam que, há muitos anos, lá habitou um prefeito e sua família. Entretanto, logo que a casa ficou pronta, a família desapareceu. Quando Pedro passava na região, onde a colina se tornava visível, ele sentia em seu corpo um conjunto de sensações assombrosas e ouvia uma voz feminina lhe chamando e seu pai lhe falava que era coisa de sua cabeça.

Ao chegar na fazenda, o anfitrião (Pedro) lhes mostrou seus aposentos e as áreas de lazer na fazenda. Chegada a noite, Lúcia e Francisco, que namoravam, propuseram que, na primeira noite, eles dormissem sobre a grande pedra em frente ao lago, com vista para as montanhas. Pedro não apoiou a ideia, pois tinha medo daquela região. Como todos apoiaram, Pedro cedeu, mas com um péssimo pressentimento sobre o que poderia estar por vir.

Quando os amigos já estavam prontos para dormir em frente ao lago, Pedro contou sobre as vozes que ouvia. Francisco, sem acreditar no amigo, sugeriu que fossem até o casarão para provar a Pedro que aquilo era apenas ilusão. A princípio, Pedro relutou para aceitar a ideia de seu amigo, mas seus amigos, (pensando no bem de Pedro) aceitaram ir até o casarão. Passadas pouco mais de 2 horas, os amigos estavam trilhando o caminho estreito sob uma forte chuva. Ao chegar no topo da colina, eles se depararam com uma casa “em decomposição”, com a porta e janelas trancadas há muitos anos. Para eles entrarem na casa, precisariam arrombar a porta. Então Pedro ressaltou:



— Amigos, estou com medo, acho que isso é um sinal para que nós voltemos para casa.

— Pedro, para de viajar! Essas suas doideiras não vão levar você a lugar nenhum, Francisco respondeu com um tanto de ignorância

— Pois é! - todos respondem em coro.

Após muitas tentativas de arrombar a porta, os amigos simplesmente desistiram de arromba-lá, mas, quando eles já iam saindo, a porta se abriu misteriosamente. Mas todos acabaram entrando com "coragem e bravura".

Ao entrarem na casa, a porta se fechou instantaneamente, e os amigos decidiram se separar para explorar a casa. Quando cada um estava sozinho em cômodos separados, todos começaram a ouvir a mesma voz que Pedro dizia que ouvia. No mesmo instante, todos sentiam muito medo e começaram a ter terríveis alucinações. Ao entrar em um cômodo, Francisco, diante de sua alucinação, se deparou com sua namorada se maquiando de forma macabra em uma penteadeira cinza bege. Ela virou o rosto ao contrário e em um ato súbito e desumano o assassinou brutalmente. E, assim, um por um foi assassinado por seus maiores medos, com exceção de Pedro, que sobrou para contar a história. Após esses acontecimentos, Pedro acabou sendo tomado como culpado pelo assassinato dos seus amigos. Pedro, hoje, se encontra em um manicômio repetindo noite e dia, sentado em uma sala escura, remoendo a sua versão da história.

Até hoje, não se sabe realmente o que aconteceu após os jovens terem entrado na casa. A história relatada é a que Pedro conta sobre os fatos acontecidos naquela fatídica noite do dia 27. Alguns místicos falam que a região, onde a casa foi construída, era no passado um cemitério indígena e após a família de Pedro desrespeitar o local com o desmatamento da região da fazenda, os espíritos dos mortos juraram trazer dor e sofrimento para toda a família e, principalmente, para os que invadissem a casa, que era o centro do cemitério.





Lucas de Castro Botelho

Pedro Mello Guimarães

Sarah Gueiros Bitran



UM DIA DEPOIS DO “NOSSO” DIA

Espero ver tudo o que conquistamos, contrariar todas as críticas que já sofremos por amar a arte e o nosso país. Quero (e se preferir, queremos), juntar valores que nos aproximam de uma nova realidade e que ela nos permita inovar os nossos padrões que, antes, já não nos representavam. Permita que eu, somente mais um “fanático” pela pátria e pelas letras, apresente o que levou a mim e a tantos outros modernistas a aderirem às novas formas de expressão artística (tanto como literária).

Meu nome é José Pereira da Graça Aranha e, como nacionalista, sinto-me no direito de lhes contar os valores que a Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe para nossa sociedade.

Todo aquele evento, organizado por mim e por alguns outros (que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo), romperia definitivamente com a cultura “europeizante”, ao propor o “abrasileiramento” nas artes plásticas, na música e na literatura. Agora, há uma busca incessante pela construção de uma identidade nacional, distante daqueles “modelos europeus” que tão pouco representavam a nossa pátria e povo. As artes plásticas, a música e a literatura agora são: “tipicamente nossas”. O foco é o ser humano, a atualidade e o momento em que vivemos, sem modificar os moldes acadêmicos ou formais, mas questionando-os. O humor, a crítica, a reconstrução, a inovação foram integrados a suas devidas ocupações, ou, de maneira “mas correta”, aos locais em que se exilavam da liberdade de expressão.

Retomando o tópico sobre o evento, fiquei encarregado de declamar o discurso intitulado “A emoção estética na arte moderna”: “Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje é uma aglomeração de 'horrores' (...) Outros 'horrores' vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado. Para estes retardatários a arte ainda é o Belo.” Tudo isso expressa as emoções que surgem ao entrar em contato com a beleza e com as experiências emocionais que podemos (e devemos) sentir ao usufruir de um momento em que nós nos encontramos com o choque de ter contato com a cultura, que foi deixada de lado.

Mas, antes mesmo de tudo isso, sempre busquei valorizar o Brasil, nossas regiões e características no geral, o que (junto com outros atributos) me fez ser reconhecido como um pré-modernista, afinal trabalho com aspectos que envolviam ideias do movimento (modernista) antes delas se concretizarem nas na arte e nas nossas vidas.

Eu não atuei de forma individual: um conjunto de mentes trabalhavam intensamente de maneira paralela. Anita Malfatti já lutava por esses conceitos antes, chocando muitas pessoas, mas abrindo espaços para a dispersão da cultura e arte moderna em um solo impenetrável. Já tinha exposto obras em 1917 e, novamente, fez um apelo para que a voz da liberdade fosse ouvida. Tantos outros, como Oswald de Andrade (que conseguiu inovar a literatura de maneira que ela fluísse além dos parâmetros implantados por outros gêneros literários), são

exemplos de figuras que abriram janelas para que um novo ar conseguisse circular pelo país, penetrando nossos corpos e marcando o início da busca pela identidade.

Mesmo assim, impossível é satisfazer a todos: tudo isso chocou parte da população e trouxe à tona uma nova visão sobre a arte, rompendo ligações com as antigas normas acadêmicas, abrindo portas para o movimento se enraizar no solo brasileiro. Mas essas atitudes eram esperadas, afinal vinham de uma população que nunca experimentou a "mudança" trazida pelos sentimentos.

Podemos trabalhar muitos aspectos: todos, lutando pelo coletivo. Mas, hoje, somente um dia após esse evento tão glorioso, dedico essa carta a nós, com somente um pedido: que a arte seja tão nossa quanto o desejo de renovação presente em cada um que acredita no potencial que nós próprios carregamos. Que tudo que já passamos tenha sido válido.

Assim espero.





VIAGEM AO CENTRO DA ARTE MODERNA

Fernando Lauro Dias, assim assinavam minha carteira de trabalho. Cargo: diretor-geral do Theatro Municipal. Estou nessa função há vinte anos, mas foi há três meses que descobri a maior atração do Theatro, a atemporal exposição, que me permitiu entrar em contato com artistas como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti (literalmente).

Para contar esta história é preciso voltar um pouco no tempo, para depois voltar mais um pouco. Vamos ao ponto: estava eu organizando a nova exposição em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922. Ao lado da sala destinada, um banheiro masculino, no qual entrei por estar muito apertado. Saí, porém não vi mais nenhuma obra, somente um grande pôster com letras escritas “SEMANA DE ARTE MODERNA 1922”. Me surpreendi, pois a empresa responsável pelos cartazes só os entregaria no dia seguinte. Estranhei, porém, segui meu trabalho (tentei).

Olhei no mesmo instante à minha volta; muitas obras dos modernos artistas, lá expostas do outro lado da porta, no meio de um mundo vasto e purista. Me dei conta que em 1922 estava, observando aquele momento histórico. Uma nova revolução viria, o mundo artístico estava eufórico. Sem freio ou controle corria; ouvia uma voz que reclamava... olhei para o lado e era Anita. Anita Malfatti, a grande pintora, queria calar Monteiro Lobato, pelas críticas feitas à “caloura”.

Me sentei bem ao seu lado no palco, também ao de muitos outros modernos. Passei a escutar o que falavam. Com fluidez, ouvia seu discurso terno: “Vamos silenciar os parnasianos, fazer do mundo um lugar novo. Com as nossas ideias de mudança, chegar na sociedade e povo!”. “Esse é o espaço que desejamos!” – complementou Villa-Lobos, e tomei o direito de começar a falar. Tarsila virou os olhos a mim, pôs-se a me escutar: “Viajei de cem anos no futuro, não sei como ocorreu nem o motivo. Mas esse momento ficou



marcado, em todo o país é reconhecido.” Expliquei sua importância, foi pouco. Tarsila queria saber mais e falei que estava na hora de ir-me, voltei pelo banheiro, boquiaberto.

Quando voltei, minha felicidade e honra eram intermináveis! As lendas da nação frente a frente comigo, conversado como velhos amigos. Pensei em falar com todos meus colegas de trabalho, contar meu momento com meus ídolos! Mas logo essa felicidade foi substituída por ansiedade e preocupação... olho para a faixa de pedestres e vejo Tarsila do Amaral. Naquele momento, minha cabeça explodira! Não sabia o que fazer com ela, nem o porquê de ela ter vindo junto, mas logo depois tudo fez sentido.

Corri para alcançá-la, estava surpresa com o avanço da Terra da Garoa quando me perguntou em que ano estávamos. Respondi, com clareza e certeza: “2022!” Conversamos um bom tempo, e foi nesse momento em que percebi que demoraria um pouco para que acordasse do meu sonho. Levei-a até o Theatro e a apresentei a meus colegas, que assim como eu, ficaram atônitos. Ela parou um pouco, refletiu, e me perguntou o motivo de ter falado tanto sobre sua importância para a história. Todos, unanimemente, responderam solicitando que ela ficasse até o dia seguinte para a apresentação e palestra sobre a semana de arte. Assim fez.

Assisti às apresentações e visitou a exposição boquiaberta e incrédula. Ao final, percebeu como seu trabalho e o de seus colegas influenciaram a atual sociedade e mudaram a cultura brasileira e decidiu voltar para espalhar a notícia. Ao retornar à sua real época, contou o ocorrido aos companheiros, que também se interessaram por tudo, quiseram viajar o tempo inteiro.

Hoje recebo esses nomes em minha casa, visitas constantes. Tudo graças àquele dia, do qual nunca me esquecerei.





UNIDOS PELO MODERNISMO!

A minha visão de mundo está modificada e ampliada, após esses anos em solo europeu. Agradeço a Paris! Estou com a cabeça fervendo de ideias, desde que voltei para o Brasil. Uma voz não para de repetir dia e noite:

— Oswald de Andrade, meu caro, você precisa sacudir as artes brasileiras! Esse modelo parnasiano, mais preocupado com a forma que com a mensagem, está ultrapassado. O futurismo está aí! Algo precisa ser feito. Está em suas mãos!

Passei dias tentando ignorar essa voz, mas não consegui! Até que decidi reunir alguns amigos artistas de diversas áreas: pintores, escritores, arquitetos, cantores, para debater sobre os avanços da arte mundial e a situação artística brasileira.

Foram dias de conversas, debates e discussões, até concluirmos que algo precisava mudar. Já não havia espaço para tanto formalismo. Estávamos insatisfeitos e queríamos gritar isso para todos! A arte precisava ser libertada! Um estilo novo, mais leve, mais brasileiro e inovador precisava surgir!

Eis que a minha voz interna se juntou a mais vozes de outros artistas, que também queriam ver algo acontecer e questionavam:

— As mudanças estão em todos os lugares com o fim da guerra: na sociedade, na economia e na política. O Brasil está fazendo cem anos de país independente, por que as artes precisam se fechar e ignorar as transformações?

Adúvida era: o que fazer? Como? Onde?

Após muitos encontros e desencontros, surgiu a vontade de promover, no ano do centenário da independência brasileira, uma semana de intensa manifestação artística, onde cada um de nós pudesse expressar a própria arte com liberdade de forma e de conteúdo.



A ideia era a de apresentar uma manifestação artística de uma forma nunca vista, sem formalismos: com poesias sendo declamadas, saraus, apresentações de dança e de música, bem como exposição de esculturas, valorizando o território nacional.

Após dias refletindo, já tinha tudo planejado: iria chamar artistas conhecidos do Rio de Janeiro e de São Paulo, e faria as exposições no Teatro Municipal de São Paulo, num evento magnífico e totalmente aberto ao público, permitindo que as pessoas pudessem ver as obras expostas, participando e interagindo com os artistas, de uma forma totalmente nova.

Então, juntamente com Mário de Andrade e Di Cavalcante, no dia 13 de fevereiro de 1922, revolucionando a história da arte no Brasil, o sonho virou realidade e as nossas vozes internas e de tantos outros artistas puderam ser ouvidas. Foi sensacional e emocionante ver tudo acontecer.

Daquela semana para frente, nada mais foi como antes na arte brasileira. Ainda que não tenha agradado a todos, a semana do dia 13 a 17 de fevereiro de 1922, em que os artistas se uniram para inovar, rompendo com padrões rígidos e implementando uma visão artística mais moderna e livre, deixou marcas na arte do Brasil.

Embora nós, artistas que participamos da Semana de Arte Moderna, tenhamos sido duramente criticados, no fundo sabíamos que estávamos fazendo algo importante e histórico para o nosso país. Valeu demais! Faria tudo novamente!



SEMANA DE ARTE MODERNA



S. PAVLO
1922





Laura Borchio Simmer

Lais Coutinho Passamani

Isadora Quintela Torres Folador



**BASEADO NA OBRA “A VENTANIA”,
DE ANITA MALFATTI**

Vida vida, “vasta” vida

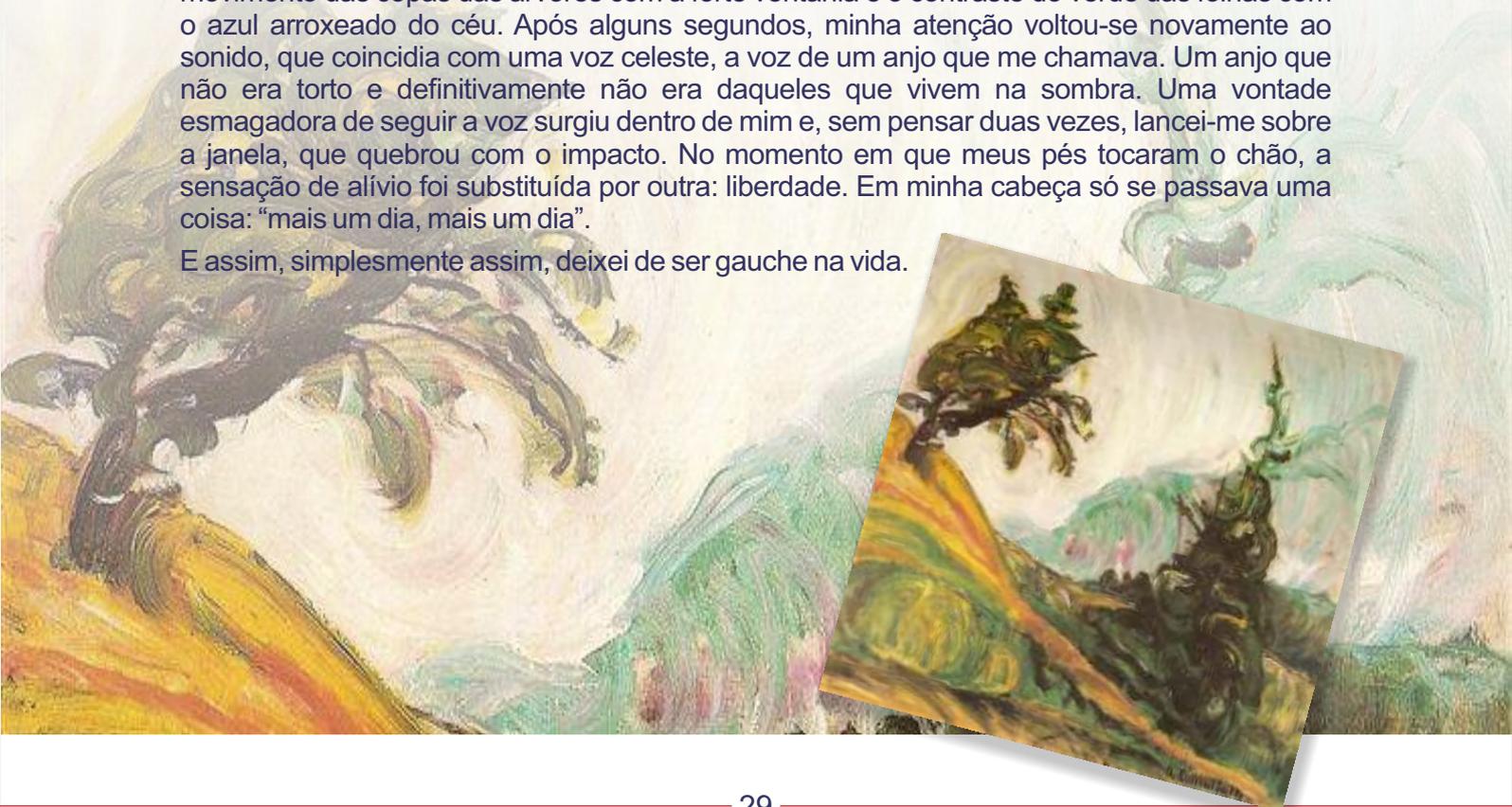
Acordei aqui. Novamente aqui. No colchão duro do insalubre porão do senhor Humberto Antônio Magalhães Aguiar. O único lugar da casa, melhor dizendo, da mansão, que não sou coagida pelo próprio a varrer, lavar e lustrar. Esse já é o 7.664º dia sem passar pela suntuosa porta de entrada feita de madeira maciça. Não sei como ainda tenho esperanças de livrar-me desse lugar, já que minha avó viveu e morreu aqui, minha mãe também e agora, pelo visto, é a minha vez. Gostaria que a vida me levasse logo, tal como a ventania leva as folhas. Assim, repito meu mantra todas as manhãs: “menos um dia, menos um dia”.

Minutos depois, já estou pronta para sair do aposento e começar a árdua jornada de um dia de uma mulher negra que vive no Brasil em plenos 1915: obedecer (mesmo sem concordar), consentir (mesmo sem tolerar) e persistir (mesmo querendo desistir).

A primeira ordem do dia foi a de limpar e organizar o quarto de Regina Aguiar, uma jovem de 18 anos que talvez seja o ser mais ingrato que já pisou neste mundo. Ahh! O que eu não daria para ter pelo menos uma de suas tantas riquezas, aquela que a garota nem dá valor, mas que para mim é a mais valiosa entre todas as outras: a liberdade.

Começo a descer os degraus da majestosa e imponente escadaria da casa com um cesto repleto de lençóis usados em meus braços. Fui interrompida, porém, por um barulho, mas não um barulho qualquer: pareciam vozes. Não existem palavras capazes de explicar o sentimento que tomou conta de mim, mas penso que a que mais se encaixa é alívio. Uma sensação repentina de um alívio estrondoso percorreu cada fio de meus cabelos, cada gota de meu sangue. Caminhei em direção à janela mais próxima e vi que tal som se tratava, na realidade, do assovio do vento. Permaneci imóvel em frente ao vidro, apenas observando o brusco movimento das copas das árvores com a forte ventania e o contraste do verde das folhas com o azul arroxeadado do céu. Após alguns segundos, minha atenção voltou-se novamente ao som, que coincidia com uma voz celeste, a voz de um anjo que me chamava. Um anjo que não era torto e definitivamente não era daqueles que vivem na sombra. Uma vontade esmagadora de seguir a voz surgiu dentro de mim e, sem pensar duas vezes, lancei-me sobre a janela, que quebrou com o impacto. No momento em que meus pés tocaram o chão, a sensação de alívio foi substituída por outra: liberdade. Em minha cabeça só se passava uma coisa: “mais um dia, mais um dia”.

E assim, simplesmente assim, deixei de ser gauche na vida.





O LAVRADOR DE CAFÉ

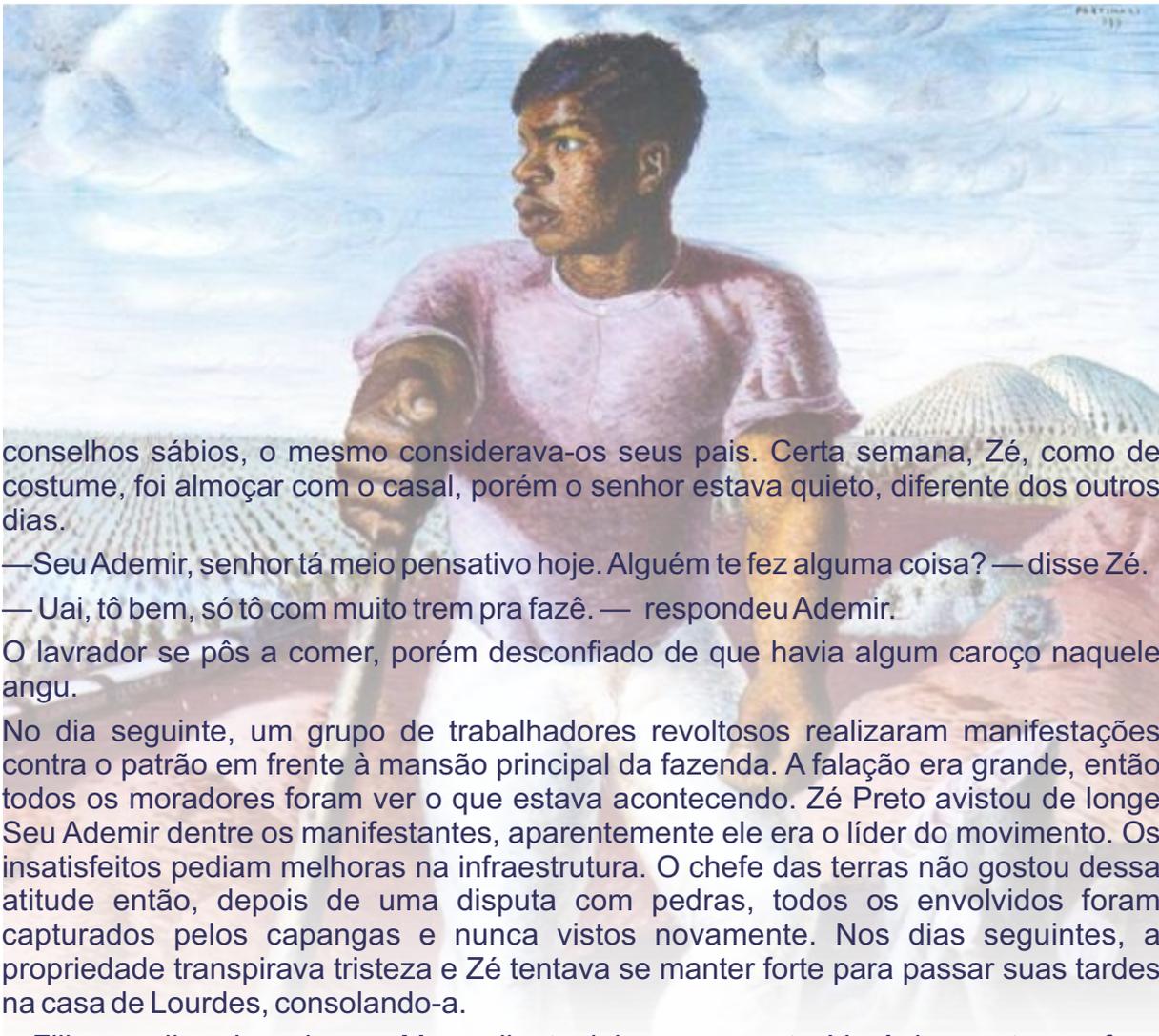
“Esse menino já nasceu disputando a nega”, dizia Lourdes, uma senhora, cozinheira da fazenda. O garoto era preto, com cabelos revoltosos e olhos escuros como carvão, chamava-se Zé Preto e nasceu no sul de Minas Gerais, aos fundos de uma cozinha na casa dos patrões. Seu pai morrera provavelmente de tuberculose, antes do nascimento, enquanto sua mãe ficou fraca por conta do parto e acabou falecendo três dias depois de dar à luz. O amo, que não gostava de crianças, pretendia expulsá-lo de suas terras. Entretanto, Lourdes tinha criado simpatia pelo garoto, então convenceu seu patrão a colocá-lo para trabalhar, evitando fazê-lo viver nas ruas.

O menino, agora homem, levantava-se de sua cama no dormitório, punha suas vestimentas simples e sujas, apanhava sua enxada e traçava seu caminho para as lavouras de café, ao mesmo tempo em que o Sol queimava sua pele gasta e molhada de suor. Na plantação era exigido muito trabalho físico dos lavradores, sem nenhum tempo de descanso. Tarde da noite, voltavam aos aposentos e deitavam-se em suas “camas” que mais se pareciam com tábuas de madeira. Essa rotina maçante, que se assemelhava à escravidão, gerava diversos murmurinhos:

— Tratam nós como se fosse escravo e ainda criticam nosso espírito de porco.

Lourdes era casada com Ademir, um senhor de cabelo branco e sempre com um sorriso no rosto. Como o casal tinha acompanhado o crescimento de Zé Preto e lhe dado





conselhos sábios, o mesmo considerava-os seus pais. Certa semana, Zé, como de costume, foi almoçar com o casal, porém o senhor estava quieto, diferente dos outros dias.

—Seu Ademir, senhor tá meio pensativo hoje. Alguém te fez alguma coisa? — disse Zé.

— Uai, tô bem, só tô com muito trem pra fazê. — respondeu Ademir.

O lavrador se pôs a comer, porém desconfiado de que havia algum caroço naquele angu.

No dia seguinte, um grupo de trabalhadores revoltosos realizaram manifestações contra o patrão em frente à mansão principal da fazenda. A falação era grande, então todos os moradores foram ver o que estava acontecendo. Zé Preto avistou de longe Seu Ademir dentre os manifestantes, aparentemente ele era o líder do movimento. Os insatisfeitos pediam melhoras na infraestrutura. O chefe das terras não gostou dessa atitude então, depois de uma disputa com pedras, todos os envolvidos foram capturados pelos capangas e nunca vistos novamente. Nos dias seguintes, a propriedade transpirava tristeza e Zé tentava se manter forte para passar suas tardes na casa de Lourdes, consolando-a.

—Filho — disse Lourdes — Meu velho te deixou uma carta. Você deve estar confuso sobre o que viu. Ele sabia que seus atos talvez o condenassem para sempre.

“Caro Zé, se ocê tá lendo essa carta devo te sido levado na minha tentativa de manifestação. Desculpa nu te avisado antes mas nu queria que ocê se envolzezi, agora ti devo explicacao cincera. Me toquei que tava envelhecendo e decidi que nu iria morre sem mostra o sofrimento que causamo ao mundo e as nós mesmos. Então organizei alguns movimentos escondidos até que fizemos a jogada final, que se ocê tiver lendo isso, faiou. Nu vo me adia muito nessa escrita, só queria explica minhas atitude e te pedi para que abra seus oios para esa situação que ocê e seus companheiro são subimitido. Faza o que julgar necessário. Abrazos, de seu “pai” Ademir.”

Alguns anos se passaram e agora Zé era mais maduro. Ele contemplava a beleza de seu trabalho, uma vez que depois de muito sofrimento concluiu que a natureza sempre é e sempre será, sua fonte de vida. Porém, ao mesmo tempo, sabe que suas marcas de trabalho duro nunca serão esquecidas.



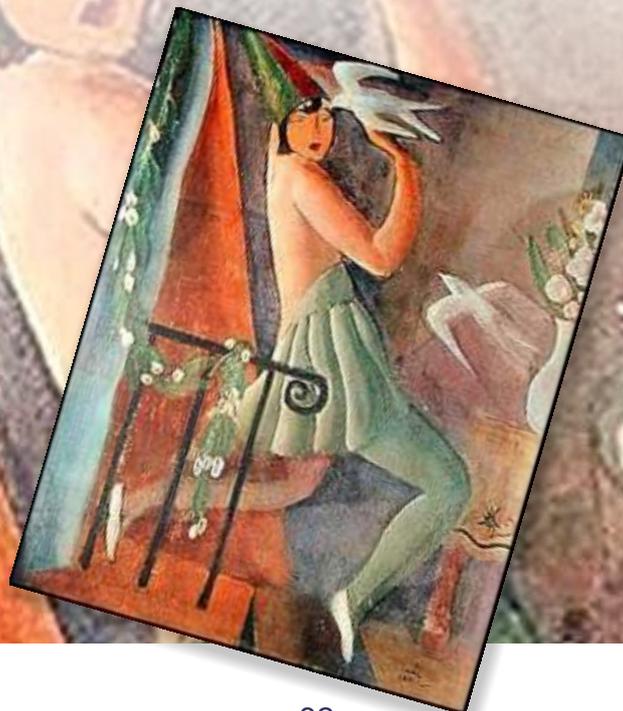
3º lugar - Isadora Quintela Torres Folador - 9º ano I2

FÊNIX DO CARNAVAL

Olho para o relógio e parece que as horas não passam. No aguardo da folia, minha vida vira fria. Passo o ano esperando pela volta do carnaval, o dia em que sou eu mesma. Para mim, o ano é uma gaiola, e o carnaval é a chave que me liberta. Ao tocar do sinal, me levanto, e a partir de agora não me responsabilizo pelas minhas ações. Ansiosa, espero o carro chegar para ir voar de volta para minha terra e finalmente ver o rosto de meus entes queridos e amigos do coração. Não sei como aguentei esperar um ano para vê-los. Sou uma verdadeira guerreira exilada de sua terra.

Desço do avião e o abraço que me espera é o de minha mãe. Na trajetória para meu lar, contei a ela sobre tudo que vivenciei no ano que se passou. A felicidade estampada em nossos rostos era evidente e cada uma almejava ouvir o que a outra queria falar. Ao chegar em casa, fui maravilhada pela presença de todos meus colegas mais queridos me esperando para nos prepararmos para a folia. Malcontente, tive que me despedir de minha mãe e saudar o carnaval. Juntos em meu quarto, contei a meus amigos todas as traquinagens que fiz, enquanto nos arrumávamos para o bloquinho. Alegria, brilho, cores, música e risadas impregnavam o ambiente.

Fui a última a me arrumar e todos me apressavam para sair. Ao me olhar no espelho, não pude conter minha euforia. Finalmente estava no lugar a que pertencia. Mesmo com os gritos de meus amigos, parei por um segundo e senti a brisa do meu querido Rio batendo nos meus cabelos. Olho para a janela e vejo o bloco de carnaval esperando para me juntar a ele. As pombas brancas atravessando a amendoeira faziam com a algazarra sua própria percussão. Ah, mas que momento mágico! Por fim me junto à farra. Bate tambor, chora cavaco, canta cuíca, samba o passista, lança o perfume. O estandarte segue à frente abrindo alas para a alegria. No cessar da folia, todos foram para casa de João em Búzios. Saciada com a farra, procuro descanso no nostálgico ninho de meus pais. A luz apagou, a festa acabou, o povo sumiu: é preciso que um carnaval vire cinzas para que, no ano seguinte, outro possa existir.





Livia Cavalcanti Oliveira

Enzo Rafael Gonçalves Premoli

Mirela Schneider Bianqui



ANNE SHIRLEY-CUTHBERT

Um século à frente de seu tempo

Na série “Anne with an ‘E’”, a protagonista Anne se vê diante de diversas situações em que seu espírito feminista precisa ser utilizado. “Anne With An E” foi inspirada na coleção de livros da autora L.M.Montgomery “Anne of Green Gables”, publicados em 1908. Paralelamente à perspectiva e época em que os livros foram publicados, a série Anne se utilizou da intertextualidade para que o contexto ficasse condizente com o cenário atual (século XXI). Essas modificações aparecem em alguns acontecimentos com o olhar mais voltado para a problematização do papel da mulher na sociedade. Desta forma, observa-se a luta pela igualdade de gênero como movimento social, político e filosófico.

Lançada entre os anos de 2017 e 2019, a obra dirigida por Moira Walley-Beckett marcou e continua marcando gerações. Moira já dirigiu e escreveu outras obras como “Breaking Bad”, que, ao contrário de Anne, tem um público-alvo mais velho, retratando assuntos importantes para o ambiente familiar e de trabalho, como o companheirismo dos personagens e suas determinações para solucionar problemas. É possível notar, também, algumas semelhanças entre Anne e os livros da autora norte-americana Clarissa Pinkola, que descrevem a história de mulheres determinadas a mudar a visão que a sociedade tinha delas, mesmo que por meio de turbulências, nunca desistiram de ocupar seus devidos lugares, estando onde e como queriam.

A obra de Walley-Beckett procede encantando quem assiste, sendo muito aceita pelo público e pela crítica, mesmo que retratando assuntos polêmicos para algumas partes da sociedade. Sob essa perspectiva, nota-se a presença de situações em que as atitudes de Anne e suas amigas não seriam normais para a época, visto que a série acontece entre os anos 1876 e 1881, onde o contexto histórico era ainda demasiado machista, uma vez que assuntos como menstruação, assédio e liberdade da mulher ainda eram tabus. Dessa maneira, é apresentado o diferencial desse olhar cinematográfico, haja vista que é uma das poucas séries direcionadas ao público mais jovem que retrata assuntos tão importantes para o desenvolvimento da mulher na sociedade, como o feminismo.

No decorrer da série, faz-se importante a análise de algumas situações, a exemplo da força de vontade de Anne em fazer seus direitos e deveres igualados aos dos homens, como na situação em seu lar adotivo, em que seus responsáveis queriam ter adotado um menino, dado que para eles só um ser do sexo masculino poderia realizar os afazeres do campo. Anne, em contraponto, mostra-se totalmente disposta a provar que uma menina como ela poderia suprir todas as necessidades do casal, como um menino o faria.

Na trama, verifica-se a presença da filosofia política por meio dos questionamentos e impasses que Anne enfrentou, por exemplo, por meio do protesto realizado por Anne e suas amigas a favor da liberdade de expressão, ocasionado por conta de uma menina em seu colégio, que foi silenciada após uma tentativa de abuso sexual. Além disso, é importante destacar que as revoltas de Anne contra o modo da sociedade de pensar a respeito do papel da mulher eram, na maioria das vezes, mal vistas por sua comunidade, visto que até as próprias mulheres não compreendiam as causas da resistência persistente de Anne.

Ademais, vale destacar a criação do jornal da escola de Anne para tratar assuntos importantes sobre convivência no âmbito escolar, já que a protagonista utilizou deste meio de destaque como brecha para criticar e expor todos os casos de injustiças que aconteciam em seu redor, a exemplo de ocorrências machistas, homofóbicas e racistas. Por esse ângulo, é possível averiguar a semelhança entre a série e o conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo, uma escritora negra muito importante para literatura brasileira, que demonstra a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta, sendo no caso da ruiva, uma forma encontrada de resistir não só ao machismo, mas, a tudo que a fazia se sentir excluída.

Por fim, à medida que a protagonista amadurece, observa-se o amadurecimento da sociedade a sua volta, principalmente no que diz respeito à igualdade de gênero. A série trata seus telespectadores com muito respeito e entrega um material muito benéfico ao convidá-los para examinar seus acontecimentos e buscar suas próprias vozes. “Anne With An E” disse muito em pouco tempo e encerra seus trabalhos deixando excelentes aprendizados para trás, inspirando pessoas, especialmente meninas, a se sentirem bem consigo mesmas e a buscarem sua própria independência, demonstrando, assim, o alcance do objetivo da série.





2º lugar - Livia Cavalcanti Oliveira - 1ª série I3

“ANNE WITH AN E”:

A teimosia nunca foi tão necessária

A série “Anne with an E”, que possui 3 temporadas, conta a história de Anne Shirley, uma menina que é adotada equivocadamente por um casal de irmãos: Marilia e Matthew, durante a década de 1880. Essa obra cinematográfica ilustra, com precisão, os problemas sociais da época, embora ainda seja possível observá-los na sociedade atual. Dessa forma, é fundamental estabelecer uma relação entre a realidade vivida na obra cinematográfica e a vigente, além de analisar os efeitos da persistência desse tipo de pensamento em pleno século XXI.

Em primeiro plano, deve-se observar que logo de início é feita a construção de uma personagem que teve a sua vida marcada por lares abusivos pelos quais passou, mas que não perdia a esperança e não deixava isso ser um impedimento para a sua imaginação aguçada. Nesse sentido, verifica-se uma personalidade persistente da menina e o início de um processo de reflexão sobre os valores da sociedade, ao tentar provar sua utilidade tendo em vista a decepção do casal de irmãos que tinham optado por um menino para ajudar nos serviços braçais da fazenda. Vale ressaltar, ainda, a forma como Anne cresce durante a série e fortalece suas argumentações em assuntos como esse de percepções muitas vezes preconceituosas. Por essa lógica, não há como negar que, se naquela realidade, onde até mesmo o fato das mulheres usarem calças era motivo de julgamento, Anne conseguiu defender os direitos da população feminina, deveria ser muito mais fácil esse debate nos dias atuais. Mas, ao contrário do que é pensado, lamentavelmente há cada vez mais uma luta entre extremos dentro de aspectos como esse.

Por todas essas razões, é fundamental entender que, assim como mostrado em cenas



como o bullying na escola que a Anne estuda, e na intolerância religiosa sofrida pela comunidade indígena da tribo Mi'kmaq que ela conhece, práticas como essa levam a desastres em todo o corpo social. É interessante frisar, entretanto, que as discussões sobre o tema expandiram graças à grande proporção que as plataformas midiáticas tomaram nas vidas dos cidadãos, mas ainda assim não o suficiente para mudarmos o comportamento das pessoas, já que amplas quantidades de informação nem sempre resultam em uma consciência coletiva maior. Entretanto, convém, é claro, não se deixar levar pelo pensamento de que a luta contra os preconceitos da sociedade seja em vão. Isso porque, como já dizia Dory, a personagem do filme “Procurando Nemo”: “Continue a nadar”, que, nesse caso, pode ser entendida como uma metáfora de não desistir. O que resta, diante disso, é compreender que o papel da educação é essencial na resolução desse problema.

É determinante, então, para a reconstrução desse cenário, perceber que o conceito de alteridade deve ser colocado em prática por todos para um real respeito mútuo entre as pessoas. Por isso, é imprescindível que o Ministério da Educação, por meio da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), estabeleça como meta a implementação de momentos obrigatórios na educação de todas as crianças desde pequenas, a fim de sanar os preconceitos que persistem até hoje. Além disso, espera-se contar com o apoio dos educadores (não somente os professores, como também os pais), para que uma educação pelo exemplo, ou seja, pela prática dos valores ensinados dentro de casa, torne o ensino realmente eficiente. Resta saber se, de fato, haverá vontade, não só política, mas também social, para que as pessoas possam se aproximar das ações feitas por Anne na tentativa de informar e conscientizar as pessoas da sua comunidade no seriado.





O NOVO PETRÓLEO

É, de certa forma, irônico o fato de que, apesar de vivermos em uma democracia, todas as paredes de nossas casas “têm ouvidos”, sendo eles quaisquer aparelhos eletrônicos. O documentário “Privacidade Hackeada” (2019) aborda como os dados coletados diariamente sobre os usuários (a partir do Facebook) são usados, criando uma identidade virtual de cada indivíduo, a qual é utilizada para direcionar propagandas que, de alguma forma, alterem sua opinião, neste caso em relação às eleições americanas de 2016 e ao plebiscito do Brexit. São salientadas diversas contradições da Cambridge Analítica, empresa responsável por ambas as campanhas, em relação a como utiliza os dados dos usuários para criar propagandas que os atinjam psicologicamente com a finalidade de alterar a opinião política do indivíduo, principalmente levando em consideração que a empresa afirmava ter 5 mil dados sobre cada eleitor americano.

O documentário foi recebido positivamente pela crítica e público, sendo responsáveis pela direção: Karim Amer e Jehane Noujaim, ambos conhecidos também pelo documentário “A Praça Tahrir”. Levando em consideração sua nota, de acordo com a crítica especializada, no site Rotten Tomatoes (85%), concordo mais com a nota dada pelo público, no caso, 66%.

Pondero que, apesar de trazer especialistas do tópico, a partir de certo momento é maçante ao espectador acompanhar (durante um grande segmento do longa-metragem) o ponto de vista de Brittany Kaiser, ex-diretora de desenvolvimento de negócios da Cambridge Analítica. A convicção vale-se principalmente quando se pesa a amplitude da manipulação, correlacionada a relevantes decisões políticas nos Estados Unidos e Reino Unido. Por exemplo, nas eleições americanas de 2016, é possível que 70 milhões de pessoas de apenas 3 estados diferentes tenham-nas decidido.

Outro fator determinante, em minha visão, é uma falta de aspectos visuais que possibilitem o maior entendimento das informações, que, apesar de serem pertinentes, carecem de uma maior conexão. Todavia, um detalhe que foi de meu agrado foi a importância dada aos dados, uma vez que afirmam que o valor desses dados é até maior do que o do petróleo, iniciando toda a discussão acerca de sua má utilização no que diz respeito à quebra dos direitos humanos.

Por fim, a partir do momento em que a Cambridge Analítica (ou qualquer empresa) não divulga os dados obtidos de cada usuário, cria-se uma questão psicológica em toda a população. Assim, a manipulação do indivíduo é facilitada, à medida que cada um tiver sua própria realidade, a qual torna-se progressivamente mais dividida e parcial.





Lúisa Franzotti Togneri dos Santos

Lucca Vecci Alcuri

Sofia Fardin Barbieri

celulares, bem como mentalmente, retomando a questão da dependência pelos aparelhos tecnológicos. Por consequência da era tecnológica, as redes sociais fazem com que haja um impacto negativo em relação à autoestima dos usuários mais jovens, uma vez que durante a puberdade o principal objetivo é se encaixar na sociedade, e a internet cultiva um ambiente em que é esperado que todos tenham a vida perfeita; porém, a maior parte das publicações de influencers digitais são manipuladas pois nem eles conseguem atingir a perfeição. Como Tristan Harris, ex-designer da empresa Google, disse no documentário, “esses produtos tecnológicos não foram criados por especialistas em psicologia infantil que queriam proteger as crianças.”

Portanto, é de suma importância que aqueles que usufruem das redes sociais ajam contra o algoritmo por meio do desligamento do compartilhamento da localização com certos aplicativos, evitando a personalização de propagandas em razão da área em que se encontram e também pela atitude de não se engajar em publicações recomendadas, prevenindo, assim, a formação de bolhas sociais nas redes. Ademais, cabe aos responsáveis de adolescentes o esclarecimento dos impactos do uso excessivo das mídias sociais, impondo-lhes um limite, em consenso, para que possam ter uma relação saudável com a tecnologia, como também é preciso que esses orientadores tenham a consciência de pospor presentear suas crianças com aparelhos tecnológicos, como uma forma de distraí-las, enquanto não apresentam maturidade suficiente, pois a formação social exercida pela tecnologia durante seu crescimento aumentará as chances de se desenvolver um vício ao longo dos anos. Feito isso, os efeitos negativos da internet sobre a população que foram apresentados no documentário “O Dilema das Redes” serão reduzidos, permitindo que seu objetivo primordial de aproximar as pessoas seja restaurado de uma forma que os usuários não sejam vistos meramente como experimentos.





À FRENTE DO TEMPO

Certamente você já ouviu falar de uma menina com cabelos ruivos presos em duas tranças usando um chapéu cheio de flores. Pois é, “Anne with an E” é uma série produzida pela CBC muito querida pelos seus espectadores e diferenciada de qualquer outra presente na Netflix. O programa televisivo é uma adaptação do Romance Anne de Green Gables, o primeiro livro de uma coletânea protagonizada por Anne e publicada pela canadense Lucy Maud Montgomery em 1908.

Lucy nasceu em 1874, na província de Prince Edward Island, em New London, no Canadá. Ainda com 2 anos foi morar com os avós maternos no oeste do país, onde se estabeleceu novamente. Como a única criança vivendo com um casal de idosos, Lucy encontrou apoio em sua imaginação, na natureza, nos livros e na escrita.

Em 1905, escreveu seu primeiro e mais famoso romance: Anne de Green Gables. Na época, enviou o manuscrito para cinco editores, que o rejeitaram. Lucy guardou-o, então, e somente dois anos depois decidiu tentar novamente publicá-lo. A obra foi aceita pela L. C. Page, de Boston, e publicada em 1908, tornando-se um best-seller imediato que marcou o início da carreira de sucesso de L. M. Montgomery como romancista.

De forma sensível e inteligente, a autora imortalizou o local em que cresceu, Prince Edward Island, incorporando-o na obra por meio de maravilhosas descrições da vida, da natureza, da comunidade e das pessoas da pequena província.

O romance, de forma inspiradora e precisa, nos guia através da história de Anne Shirley-Cuthbert (Amybeth McNulty), que é mandada por engano a uma fazenda chamada Green Gables, em Avonlea, na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. No início do século XX, época em que se passa Anne de Green Gables, a economia canadense cresceu de forma expressiva, tornando-se uma significativa força agrícola e industrial. Os proprietários da terra, na verdade, tinham o objetivo de adotar um menino para ajudá-los nos trabalhos da plantação. No entanto, uma menina de 11 anos, ruiva, sardenta e extremamente magra, é enviada aos irmãos. Infelizmente, Matthew e Marilla Cuthbert decidem mandá-la de volta. Ao saber que será devolvida ao orfanato, Anne entra em pânico, pois sofrera muito bullying por sua aparência e invenções mirabolantes. A jovem, então, foge para uma estação de trem com o objetivo de escapar do orfanato e aquela família que não a queria. Porém, é encontrada mais tarde por Mathew e os dois retornam a Green Gables, seu novo lar. Com o tempo, a alegre e altamente imaginativa Anne transforma para melhor a vida sem alegria do tímido Matthew e da recatada Marilla.

A série em sua totalidade, em todas as três temporadas, trata de temas importantíssimos para a atualidade como o amor, a amizade, a família, o que é família, a diversidade, a igualdade, o respeito, a importância da educação, a esperança na nossa capacidade de evolução, a adoção, a espiritualidade, a crença no ser, a criatividade, a paixão e o casamento. Há, também, temas menos românticos na obra como as relações sociais da época, as liberdades humanas, a exploração, a sexualidade, o preconceito racial e étnico, o patriarcado, a ruptura com o tradicional, o lugar da mulher na sociedade do século XX, o protagonismo feminino, a aceitação social e o que somos capazes de fazer para conseguí-la.

Este amplo leque de abordagens é o que faz da obra e da Anne elementos tão atuais e dignos de atenção, mesmo que criados há mais de um século. Inclusive, a música de abertura de “Anne with an E” se chama “Ahead by a Century” (“um século à frente”) de The Tragically Hip. A frase se encaixa muito bem na protagonista e na própria série. A mescla de drama, crueldade, humor e carinho compõe a produção de uma forma riquíssima e é poucas vezes vista no cinema.

Contudo, a série também chegou a ter críticas negativas. A aprovação dada pelo RottenTomatoes, website americano agregador de críticas de cinema e televisão, por exemplo, foi de 53% - valendo 100% - o que configura uma nota baixa. Há internautas também que acharam cansativo assistir a alguns episódios e criticaram a personagem principal: “foi massante assistir alguns episódios. A personagem principal Anne é bem chatinha também, chega a ser insuportável em alguns momentos”, diz um usuário do Twitter. Porém, a visão geral da audiência foi de 91%, segundo o RottenTomatoes, e 97%, de acordo com usuários do Google. Inclusive, no próprio site nacional AdoroCinema, a nota média dentre as pessoas que deixaram sua avaliação foi de 4,7 – valendo 5. Ademais, é inconcebível negar que os episódios trazem um magnífico desenvolvimento dos personagens, que acabam transformados pelas experiências vividas. Os figurinos e cenários usados para trazer os modos de vida e costumes da época não só encham os olhos, como ilustram a divisão de classes sociais e as influências culturais dos indivíduos. O elenco, por sua vez, também foi excepcionalmente bem escolhido.

Com uma personalidade brilhante e cheia de energia, aos poucos, a protagonista conquista e influencia várias pessoas a seu redor. “Anne with an E” convida seu público a refletir sobre seus comportamentos e buscar suas próprias vozes. Tristemente, a série cheia de potencial e inspiração para diferentes situações do cotidiano, foi cancelada. Mas, mesmo com seu prematuro encerramento, há potencial de sobra para inspirar pessoas a se sentirem bem consigo mesmas e a buscarem sua própria independência.





AS FACES DA ALIENAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

O documentário norte-americano “O dilema das redes”, produzido pela empresa Netflix no ano de 2020, é uma obra exemplar, que representa com primazia a realidade do meio em que todas as pessoas inseridas na era contemporânea vivem: a internet. Desse modo, o documentário apresenta ao espectador, através de um enredo escrito por Davis Coombe, Vickie Curtis e Jeff Orlowski, uma realidade por trás da realidade, ou seja, um conjunto de fatos que compõem a construção, o funcionamento e os efeitos das redes sociais.

O longa-metragem desenvolve o seu enredo de forma alinear, de modo que a peça central dele seja uma família, que é palco para a temática abordada. Mas a todo tempo essa narrativa é interrompida por entrevistas de ex-funcionários de companhias digitais e há outras cenas paralelas que ocorrem de forma fictícia, mas com a intenção de mostrar ao espectador, de forma clara, a manipulação e controle que as mídias sociais exercem sobre seus usuários em muito mais aspectos de suas vidas que vários deles percebem.

Partindo da premissa de que as redes sociais e a internet permeiam os mais diversos âmbitos, senão todos, da vida de qualquer indivíduo no mundo globalizado, o diretor Jeff Orlowski estabelece na obra, de forma sublime, as diferentes realidades que envolvem as mídias sociais. Tal representação, que compõe o documentário, apresenta quatro camadas: a) a das redes sociais propriamente ditas; b) as grandes empresas, que são proprietárias desses meios no mundo digital; c) as pessoas/empresas que se utilizam das mídias sociais para o marketing ou trabalho; e, por fim, d) os usuários dessas redes.

Sendo assim, a obra constrói, em um formato tangível e palpável, o que a grande maioria dos usuários dos meios digitais considera intangível e impalpável. Dessa maneira, a obra cinematográfica desmascara os perigos/riscos que as redes sociais representam para todos lá inseridos. Para isso, há uma vasta gama de entrevistas de ex-funcionários de grandes indústrias da internet, dentre elas Facebook, Google e Instagram, que expõem, de forma clara, um abrangente número de relatos de ocasiões que deflagram o corrompimento das empresas e de seus ideais.

Portanto, por meio de todos esses canais, a produção do documentário consegue introduzir, com excelência, temáticas contemporâneas de extrema relevância para o quadro social, político e econômico do mundo. Um deles trata da pós-verdade, sendo esse assunto de grande importância desde as polarizadas eleições norte-americanas de 2015, em que todos foram postos na situação de acreditar em tudo e, ao mesmo tempo, em nada.

Esse cenário ressalta o caráter nocivo dos algoritmos presentes nas redes, pois, além de observarem, registrarem e preverem o comportamento de todos os usuários, fazem com que eles permaneçam o máximo de tempo utilizando a rede, a fim de maximizar o lucro da companhia. Eles provocam a formação das bolhas de opinião e tal situação é crucial para a atual polarização e para a construção e crescimento da cultura do ódio, presente em um grande número de países, pois o indivíduo que convive diariamente no meio digital recebe informações e conteúdos apenas daquilo que lhe convém e agrada, não sendo estimulada a divergência de ideias e debates.

De forma geral, o documentário apresenta um panorama do poder, de papel e das responsabilidades que os meios de comunicação em massa possuem e, nesse espectro da discussão, o tema em questão já foi bastante debatido, sendo assunto, inclusive, de livros. Nessa perspectiva, é impossível não trazer um expoente na discussão dessa temática, sendo esse o livro “Fahrenheit 451”, escrito pelo autor estadunidense Ray Bradbury e lançado em 1953. Essa obra trata de um romance distópico em que, muito antes da invenção da internet, o célebre escritor criou literariamente uma sociedade na qual todos os indivíduos são alienados e consomem apenas conteúdos demandados e aprovados pelo governo, vivendo uma vida monótona, robótica e sem qualquer tipo de pensamento.

Portanto, estabelece-se um paralelo direto entre o documentário e o livro. Mesmo com aproximadamente setenta anos de diferença entres eles, ambos trazem temáticas similares sobre a sociedade, ainda que em espectros históricos diferentes. No livro é estabelecido um corpo social alienado, em que todo entretenimento e conteúdo é conquistado apenas pelos televisores, e o longa-metragem lança uma análise pragmática sobre o fenômeno da submissão do comportamento e da direção do mundo contemporâneo, por meio das mídias sociais, que se tornam cada vez mais marcantes nos tempos hodiernos.

Com isso, o longa metragem foi capaz de discutir os mais diversos pontos de diferentes óticas, ora partindo das empresas de mídias digitais, ora do ponto de vista das companhias que se utilizam desses meios. Todavia, uma perspectiva extremamente marcante no decorrer do documentário foi a situação da família, que desenvolve o enredo da obra. Esse ângulo familiar apresenta como os usuários das redes sociais são afetados em sua vida cotidiana, sendo nítido que esses efeitos permeiam vários, se não todos, aspectos da vida das pessoas, principalmente dos jovens, cuja presença e reputação no meio digital resulta em sua aprovação ou não pela sociedade digitalmente imersa.





Cauã Oliveira de Carvalho

Catarina Barros Bastos Santos

Luíza Souza Rubim



INÚMERAS VERSÕES PARA UM CASO SEM TESTEMUNHAS

“Everything is clear in our world” (Tudo está claro em nosso mundo). Este trecho da canção “Oh my love” define a sensação passada pelo documentário “John e Yoko: só o céu como testemunha” (2018) a respeito do casal que o intitula. Dirigido por Michael Epstein, a obra reúne entrevistas e filmagens inéditas acerca do período de desenvolvimento de “Imagine”, o segundo álbum solo de John Lennon, que contou com influência expressiva de sua esposa. O disco foi idealizado e produzido longe do agito de Londres, em Tittenhurst Park, residência bucólica onde o par viveu entre 1969 e 1972. Nas filmagens, o espírito acolhedor da residência se estende às interações do casal, que aparece sempre em completa sintonia conjugal e artística. Tal harmonia contrasta, contudo, com a polêmica envolvendo Ono como possível culpada pela separação da maior banda de todos os tempos. Assim, parece haver no filme uma intenção de melhorar a imagem de Yoko para o público geral. Inclusive, o documentário sutilmente promove a influência criativa da artista para a música do ex-Beatle, principalmente em “Imagine”, a um status de coautoria. Cabe questionar, portanto, se a revisão feita pelo documentário é uma tentativa de reparação pelos ataques sofridos por Ono ou um simples retrato da verdade por detrás da obra solo de Lennon.

Não obstante, é um fato confirmado pelo próprio cantor em trecho das filmagens, que sua saída dos Beatles se deveu à falta de liberdade trazida pela fama estratosférica e a uma infelicidade íntima com a exposição. Segundo John, Yoko Ono não o tirou dos Beatles, e sim da escuridão em que se via. Ajudou-o a encontrar sua motivação dentro da música e no ativismo. Em análise aristotélica, pode-se dizer que foi a descoberta de seu propósito maior que despertou a felicidade em Lennon. Tanto que este tema é recorrente nas canções do



álbum em questão. Em “Crippled Inside” e “How do you sleep?” pode-se perceber uma irritação com a priorização das aparências em detrimento da paz interior: “One thing you can't hide / Is when you're crippled inside.” (Uma coisa que você não pode esconder/ É quando está aleijado por dentro).

À vista disso, Yoko teria tido grande influência em uma mudança interior do cantor e, conseqüentemente, em sua música. Todavia, como abordado no filme, por seu suposto papel como pivô da separação dos Beatles, Ono sofreu inúmeros ataques na década de 70. Mesmo com as negativas de John, simpatizantes da banda britânica continuam responsabilizando a artista japonesa. Pode haver por detrás dessa atitude um fator psicológico. Tal persistência em atribuir a culpa a alguém, segundo o filósofo T. M. Scanlon, se deve à existência de uma estrutura moral que nos relaciona com todas as pessoas, mesmo as que nos são estranhas. Estamos condicionados a acreditar que devemos adotar certa postura simplesmente por sermos todos seres racionais. Por conseguinte, quando uma pessoa desvia desse comportamento, como Yoko supostamente fez com os fãs dos Beatles, sentimos necessidade de condená-la e regulá-la, culpando-a. Além de que, segundo R. Jay Wallace, sentir indignação ou ressentimento pelas atitudes imorais do outro atrai nosso interesse e atenção, sendo difícil nos mantermos indiferentes. Logo, o abalo emocional e a curiosidade em torno da separação da banda mais relevante do século XX teceram, no imaginário geral, uma imagem vilanizada de Yoko Ono.

O longa de Epstein vai além de simplesmente mencionar tal polêmica e sugere o preconceito da sociedade britânica como fator motivador dos ataques sofridos pela artista. Como uma mulher, asiática e imigrante conseguiu separar os Beatles? No contexto histórico da época, era difícil aceitar que alguém com esse perfil teria ousado acabar com aquele que era o maior símbolo nacional, atrás apenas da rainha. Com a exigência por direitos iguais tanto nos Estados Unidos, com o movimento a favor da Equal Rights Amendment, quanto na Grã Bretanha, com o British Women's Liberation Movement, a segunda onda feminista ameaçava cada vez mais o domínio social masculino. Ademais, o preconceito anti-asiático já enraizado em solo inglês desde a chegada dos primeiros imigrantes chineses em 1901, quando um empreendimento dos estrangeiros foi apedrejado por uma multidão hostil, foi intensificado pela trajetória japonesa na Segunda Guerra Mundial, durante a qual Yoko teve sua cidade bombardeada. Como Ono contou em entrevista, para acalmar o irmão da fome, ela incentivava-o a imaginar que comia. Não é de se surpreender, portanto, que a artista tivesse como ideal o pacifismo. Entretanto, sua ideologia também não era favorável à sua imagem. Nos anos 70, como ainda hoje, o pacifismo era fortemente caricaturado. O acadêmico Jan



Narveson considerou o movimento hipócrita por ser contra a violência, mas "não estarem dispostos a levantar um dedo para impedi-la de continuar", contribuindo para a descrença do público geral no movimento.

Sem contar ainda a participação expressiva da artista no movimento Fluxus. Este se autodenominava antiarte, visando dissolver os limites da arte e promover a convulsão dos sistemas sociopolíticos opressores por meio de sua filosofia e práticas artísticas. Yoko fazia parte do movimento da arte conceitual que, nas décadas de 60 e 70, buscava separar a arte da estética e ligá-la ao pensamento. Sem a interpretação singular do observador, ela seria redundante. Sua arte era imperativa, ao exigir participação mental, e incômoda por desviar-se dos meios e temas convencionais. O filme de 2018 aborda, inclusive, uma situação em que Yoko anunciou um evento no Museu de Arte Moderna de Nova York, mas, no dia, lá não havia nada para ser visto. Ao receber um telefonema de Allan Steckler, da Apple Records, a artista disse ser um show de arte conceitual e que o conceito estava na mente dela. Pelos depoimentos de visitantes frustrados, percebe-se que a impressão geral não foi positiva. É difícil ser tirado de sua zona de conforto. Para alguns, ainda mais se for por alguém com o perfil de Ono. São inúmeros os fatores que tornaram Yoko uma figura polêmica. E é inegável que, por levantar todos eles e trazer entrevistas com a própria artista, o documentário passa a impressão de querer remediar seu legado para a legião beatlemaniaca.

Independentemente de a abordagem do longa-metragem apontar intencionalmente ou não para uma revisão da obra artística e política de Lennon, as imagens não mentem. Yoko estava perto dos instrumentos nas gravações e nos ensaios, sempre opinando nas letras e arranjos. Também na fala de John e seus parceiros, fica evidente a participação expressiva que ela teve na produção de "Imagine". Jamais confirmaremos qual papel teve a artista na separação dos Beatles. A verdade é que obras como "John e Yoko: só o céu como testemunha" nos fazem reavaliar nosso olhar sobre a vida e a obra de um dos casais mais importantes da cultura pop mundial.

Referências:

- Scanlon, T. M. *Moral Dimensions: Permissibility, Meaning, Blame*. Belknap Press, 2008.
- Wallace, R. Jay, et al. *Reasons and recognition: Essays on the philosophy of T.M. Scanlon*. Organizado por R. Jay Wallace et al., Oxford University Press, 2011.
- Terpenkas, Andrea. "Fluxus, Feminism, and the 1960's." (2017)
- Narveson, Jan. "Pacifism: A philosophical analysis." *Ethics* 75.4 (1965)





ESSA HISTÓRIA NÃO É SÓ SOBRE FUTEBOL

É fato que o racismo ainda existe. Embora alguns aleguem que tal desigualdade é passado e todos são tratados igualmente perante a sociedade, é notório que essa realidade só se constrói sob discursos. Quem vive todos os dias o preconceito, porém, reconhece profundamente a dor e o sofrimento de estar à parte do processo de construção histórica como sujeito. No entanto, é preciso ser oprimido pela estrutura racista para compreender como ela se instala no organismo social? Como trazer as perspectivas negras, de modo que quem está permeado pelos privilégios raciais possa entender de fato que ainda há um abismo entre oportunidades para brancos e negros? Seria utópico dizer que uma só produção cinematográfica conseguiu realizar tal proeza, mas é possível afirmar que Colin em Preto e Branco conseguiu traduzir, ainda que de forma resumida e focalizada no esporte, esse ponto de vista do oprimido, trazendo elementos técnicos e de discurso fundamentais para a aproximação dessa narrativa.

Em relação à obra citada, é preciso esclarecer que se trata de uma minissérie documental que narra a história de Colin Kaepernick, jogador de futebol americano na NFL e ativista dos direitos civis, mostrando seus desafios, desde sua entrada no Ensino Médio até a conquista de uma bolsa de estudos na faculdade. O que difere essa narrativa das demais, no entanto, é que o narrador dessa jornada é o próprio Colin, analisando e comentando momentos do seu passado, trazendo mais veracidade ao depoimento, mas sem saturá-lo com longas falas. Ao intercalar o passado com o presente, uma vez que o Colin adulto tem uma perspectiva diferente de quando adolescente, essa digressão permite explicitar não só o amadurecimento do personagem, mas também demonstrar algumas reflexões que passaram despercebidas enquanto jovem, só sendo possível com um distanciamento da cena e com o acúmulo de experiências.

Além da narração peculiar, vale ressaltar como a quebra da 4ª parede é fundamental para dinâmica proposta, pois, ainda que composta por 3 planos (a história principal, os comentários de Colin adulto e o telespectador), a minissérie consegue mesclá-las, de forma sutil e delicada, a ponto de transmitir quase integralmente o sofrimento e a opressão vividos pelo personagem. Essa aproximação facilita ao público ampliar sua



compreensão do racismo estrutural: o preconceito emaranhado em pequenas ações, mascarado sob brincadeiras, mas que dilacera uma cultura e diminui um povo historicamente inferiorizado. Ao acompanhar a vida de Colin, desde momentos banais até a reflexão entre seu eu do passado e o eu do presente, é possível sentir intensamente todas as emoções vividas. Torna-se quase um ímpeto adentrar a tela e salvar um simples adolescente de toda atmosfera hostil, ocasionado simplesmente pela cor de sua pele, por quem ele é. E o que mais comove em toda a trama é ver o garoto perdido nesses sentimentos, revoltado contra um inimigo, invisível, mas recorrente, que permeia todas as esferas de sua vida. Vivenciar suas dores e sua busca pela identidade, acompanhadas por falas de Colin adulto, transcende a simples exposição de um problema social comumente relatado, mas dificilmente combatido. Embora essa impotência e raiva transmitidas sejam reais e decepcionantes, é preciso destacar que milhares de Colins e Crystals estão espalhados pelo mundo, passando por situações semelhantes ou até mesmo piores, portanto, é papel de quem assiste tal obra não reduzi-la somente a uma fonte de entretenimento, mas usá-la como ferramenta para ampliar os horizontes e modificar comportamentos.

Outro ponto a se destacar é a inovação para o gênero biográfico, com a mescla entre atuação, depoimento e reflexão. Em relação a tais aspectos cinematográficos, a obra se torna um diferencial por trazer de forma completa a trajetória e os aprendizados de uma personalidade com apenas 6 episódios, sendo cada minuto de tela totalmente aproveitado e sem cansar o público. Pelo contrário, Colin em preto e Branco traz uma captação cubista da história de Kaepernick, com todos os aspectos relatados: família, escola, sociedade e o foco principal, seu brilhantismo nos esportes (porém, esse tema terá sua dinâmica avaliada posteriormente), além do contraste temporal, com comentários profundos de alguém que já viveu essa história. É, também, imprescindível enaltecer o trabalho de Jaden Michael no papel de Colin, com uma performance altamente convincente e natural, tendo uma carreira já composta por excelentes produções, mas se destacando com o protagonismo da vida de um atleta. Não seria novidade, infelizmente, saber que alguns dilemas sofridos por Kaepernick podem ter se passado com Jaden também, trazendo mais razões para a sintonia entre o ator e o personagem.

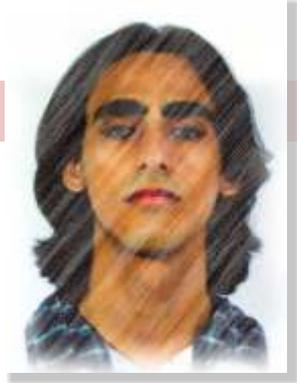


Trazendo o foco para o seu principal conteúdo, que é a jornada do atleta nos esportes, destaca-se seu desdobramento em diversas áreas, como baseball, basquete e futebol, além do seu talento, acompanhados de determinação e esforço. Ao transmitir a emocionante história de superação, Colin mostra que nunca se deve abandonar seus sonhos, por mais longínquos que eles pareçam. Embora todos ao seu redor lhe dissessem que a melhor carreira a se seguir era a de baseball, Colin persistiu no seu sonho de se tornar um quarterback, acreditou até o último segundo que conseguiria uma bolsa de estudos de futebol americano, demonstrando garra e treinando arduamente, mesmo que diversas faculdades o tenham rejeitado. Todo o processo de realização, frustração e treino é documentado em cada ano do Ensino Médio, o que organiza a linha temporal sem segmentá-la ou proporcionar um arco clichê da narrativa.

Por último, seria incoerente não destacar uma análise da temática racial retratada, uma vez que é a principal da minissérie, ainda que uma visão superficial poderia confundi-la com uma simples descrição da vida de um atleta. Primeiramente, caber entender o contexto histórico do povo negro nos EUA, pautado na escravidão, em segregações, movimentos abolicionistas e todo um histórico de luta por oportunidades e justiça. A partir dessa ideia, entende-se como o cenário vivido por Colin carrega traços remetentes ao período colonial e escravista, ainda que o próprio adolescente não entenda as razões de sofrer essa diferenciação. Um aspecto que evidencia tal desigualdade é a forma como ele é visto ao adentrar hotéis; ao dirigir uma rodovia em que seus pais, brancos, já haviam passado; ao entrar no elevador, entre muitas outras cenas que ocorrem. Esses fragmentos evidenciam que o racismo estrutural ocorre mesmo em famílias privilegiadas, ainda que ele possua comportamentos ditos como “brancos”. O segundo episódio retrata exatamente essa ideia, pois, ainda que os negros possuam o “selo de aprovação do homem branco”, eles vão ser postos em segundo plano, suas qualidades serão relativizadas.

Outro episódio que reflete de forma contundente a opressão velada quanto à cultura negra na sociedade é a saga das tranças, na qual Colin busca encontrar seu estilo e sua identidade por meio de tranças, mas sua família e os treinadores, além de tratar com hesitação e de forma pejorativa, o impede de refletir sua personalidade no cabelo por se assemelhar a um “thug”. Essa e outras cenas demonstram a visão historicamente renegadas dos afrodescendentes, diminuindo seus elementos culturais, seja roupa, música ou até mesmo culinária, e fortemente associada à violência. No entanto, todo esse destrato, além de ultrapassado e contra o respeito, só evidencia o quão distante a equidade racial está da sociedade, tornando essencial ter essa história relatada como ponto de partida para a mudança de um preconceito enraizado na cultura, e que, embora por vezes não intencional, ainda machuca e afasta o povo negro de uma vida justa e livre.

Com todas essas análises demonstradas, é evidente a genialidade e a importância de Colin em Preto e Branco para o cinema, tanto no quesito social quanto técnico, trazendo diferenciais em sua narrativa e na construção do discurso. Ainda que fundamentado na história de uma celebridade, essa obra se expande em diversas perspectivas, conectando o telespectador, independente de seu contexto, com os temas abordados, afinal, estruturas racistas ainda são recorrentes e devem ser mais debatidas, de forma a buscar mecanismos de erradicação de tal problema.



A INFLUÊNCIA DAS REDES

Quem é você? Não, não me interesse pelo seu nome, pois ele não traduz quem realmente você é. Quero saber de sua originalidade: suas paixões, sentimentos, opiniões (políticas, sociais e culturais) e de tudo aquilo que caracteriza sua essência, pois ela é aquilo que o define. E quero saber com atualizações, onde se encontra no momento, o que sente, o que vê, se está feliz e tudo o que queira me contar, mas saiba que espalharei a todos a imagem que me passar, então trate de deixá-la bonita e apresentável antes que eu a divulgue. Foque na promoção pessoal, não na expressão real, afinal deixo você mentir se quiser.

Tal mensagem é muito comum, nos dias de hoje, para caracterizar as redes sociais, que, em tese, seriam ferramentas que possibilitariam o indivíduo expor-se ao mundo, do modo como desejasse, dando-lhe a oportunidade de manipular a visão dos outros perante si e ganhar relevância no meio onde vive. Mas esses benefícios vieram acompanhados de diversos problemas, que foram mostrados no documentário *O Dilema das Redes*, que estreou no dia 9 de setembro de 2020, na plataforma de filmes Netflix, e atualmente conta com 94% de aprovação na plataforma.

Produzido por Larissa Rhodes e dirigido por Jeff Orlowski, o documentário fala sobre alguns dos perigos, normalmente ignorados, trazidos pela democratização do acesso às redes sociais. Sua produção se divide em dois grandes eixos: um voltado para a exposição de falas de profissionais reconhecidos no mundo da tecnologia – como Tristan Harris (antigo designer do Google) e Tim Kendall (cofundador do Facebook e do Pinterest) –, e outro que conta uma história ficcional, voltada para exemplificação da aplicação prática das teses defendidas pelos especialistas, deixando-as menos teóricas e mais evidentes na realidade comum.

A obra aborda temas como o domínio econômico que as indústrias que trabalham com as redes sociais têm sobre o mercado consumidor; a polarização ideológica, pautada na influência dos meios midiáticos, presente na sociedade atual; a abstinência gerada nos usuários quando não conseguem acessar o mundo virtual e diversos outros tópicos, que rodeiam o universo dos aplicativos e da exposição virtual. Para entender o ponto de vista defendido pelo filme, e efetivamente compreendê-lo, é crucial uma carga sociológica e filosófica, que será exposta a seguir.

Para o início da discussão sobre o tema, é importante observar que o usuário ordinário, pessoas como eu e você, não é nem o comerciante, nem o consumidor verdadeiro desse complexo esquema, presente na lógica das redes, mas o produto, o que está sendo comercializado. Para que as grandes empresas tecnológicas mantenham seu lucro constante, elas reúnem anunciantes, interessados em financiá-las em troca da publicidade ofertada pelas companhias ao público-alvo, o qual, por sua vez, é atraído por um universo virtual fantástico. Depois, tal público é estudado por programas e especialistas, que reúnem dados e os categorizam, para que a propaganda seja mais assertiva sobre o sujeito. Logo, torna-se claro que o esquema econômico deve girar em torno da satisfação dos anunciantes e da atração do usuário, para que, assim, haja maior tempo para exposição dos produtos anunciados.

Isso explica a gratuidade da maioria dos aplicativos para o indivíduo, pois eles desejam tornar o acesso o mais facilitado possível e não dependem do lucro pela venda do programa, pois já possuem o ganho baseado na parceria com anunciantes interessados. Com o sujeito dentro do aplicativo, as empresas têm acesso a alguém despreocupado, que demonstra suas paixões e necessidades ao vagar livremente pelas ferramentas oferecidas, o que propicia uma coleta de dados escondida que obtém informações úteis para a lógica comercial, como o tempo gasto observando um assunto, as pesquisas mais feitas e a demanda de uma determinada região

geográfica. Isso torna essa utilização do programa muito importante, gerando uma demanda para que o sujeito permaneça conectado, abastecendo o banco de dados e sendo exposto aos anúncios.

Diante desse cenário, ganha relevância a teoria do filósofo Espinosa, que afirma que quanto maior é o estímulo dado ao ser humano, mais ele tende a batalhar para permanecer sob o efeito desse estímulo. Essa teoria é uma das bases que fundamentam a criação de um mundo virtual que expõe o sujeito a seus interesses e o protege daquilo que não lhe é agradável. Fazendo com que o importante, o ético e o útil percam espaço para a dispersão do agradável e do belo, que, muitas vezes, é fútil e simplificado para que viralize e atinja o maior número de pessoas possível. Isso insere o usuário em uma bolha que lhe é extremamente agradável e dá a ele o poder de escolha sobre aquilo com o qual entrará em contato, elevando sua vontade, naquele ambiente virtual, a uma posição soberana.

Esse cenário gera a chamada “sociedade do espetáculo”, conceito criado pelo sociólogo francês Guy Debort, que promove a negação da realidade e a promoção da ilusão virtual. Deixando o sujeito comum em posição de deus de seu próprio universo, permitindo-o publicar apenas o que quer que os outros vejam, controlar suas amizades, filtrar o que lhe será exposto, ser o rei de seu universo. Porém, sua soberania é ilusória, ele se torna um rei que não governa nem a si mesmo, pois segue o que lhe é ditado pela própria rede, e, por ter consciência de sua escolha, acredita que é livre para decidir quando quiser sair do poder do algoritmo, mas caso tente abandoná-lo, notará que se encontra sob o efeito de abstinência, causada pelo vício, que se encontra escondido e é cultivado diariamente sem ter sua existência notada por quem o possui.

Essas e outras reflexões estão presentes, diretamente ou não, no documentário da Netflix, O Dilema das Redes, que possui um papel importante para informar, de forma simples, a população sobre todo o esquema que foi detalhado nesse texto, que abrange cenários econômicos, sociais, culturais e éticos. A obra revela, como o próprio título já expõe, um dos maiores dilemas do mundo hodierno: o das redes sociais.

E, para a conclusão, eu gostaria de responder à pergunta inicial, levantada no primeiro período desse texto: você, caro leitor, é quem foi programado para ser um sujeito obediente, que acredita se expressar por suas compras, quando, na verdade, foi moldado para ser quem se tornou. A indústria midiática é coercitiva, exterior a sua vontade e generalizada, assim como a personalidade que ela criou na maioria dos seres humanos conectados, fazendo-os acreditar ser orgânica. Em outras palavras, o usuário, que julga ser um deus naquele mundo, é ninguém, um nada qualquer, visto que, como afirmado no primeiro parágrafo, sua essência é o que o define, e dela não se encontra mais resquício algum dentro dele. Após tantas influências, acabou se abandonando dentro de si próprio, até que só restou o reflexo daquilo que o programa deixou nele. Assim, não é mais necessário que ele tome a decisão de abastecer o banco de dados com sua conexão à ilusória realidade virtual, já foi domesticado para a realização de tal ato, de forma a não questionar esse domínio, apenas repetir o que já lhe é comum.



1919

1919

1919





Aline Borchio Simmer



Isabella Deborah Scárdua



Maria Eduarda Leal Pinheiro



Ricardo Pittala Alves



Marina da Rosa Broetto



João Vitor Giuberti Coradini



Sarah Guerreiros Bitran



Pedro Mello Guimarães



Lucas de Castro Botelho



Laís Cousinho Passamani



Laura Borchio Simmer



Isadora Quintela Torres Felador



Mirela Schneider Blanqui



Livia Cavalcanti Oliveira



Enzo Rafael Gonçalves Premoli



Luisa Franzotti Togneri dos Santos



Sofia Fardin Barbieri



Lucca Vecchi Alcuri



Catarina Barros Bastos Santos



Luiza Souza Rubim



Cauã Oliveira de Carvalho

**O mais importante e bonito,
do mundo, é isto:
que as pessoas não estão
sempre iguais,
ainda não foram terminadas**

**- mas que elas
vão sempre mudando.
(João Guimarães Rosa)**



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

www.davincivix.com.br | recepcao@davincivix.com.br | [f/davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davincivix](https://www.instagram.com/davincivix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-070 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300